

UNIVERSIDADE ABERTA



**O Mar na obra de Jorge Barbosa: propostas de leitura a partir
de uma abordagem comparatista**

António Santos da Luz

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

2019

UNIVERSIDADE ABERTA



**O Mar na obra de Jorge Barbosa: propostas de leitura a partir
de uma abordagem comparatista**

António Santos da Luz

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

**Dissertação orientada pela
Professora Doutora Maria Paula Mendes Coelho**

2019

Resumo

Tendo em conta que o comparatismo nos estudos literários é uma ferramenta imprescindível para a compreensão dos textos literários e que o estudo de temas transversais além de proporcionar conhecimento cria a curiosidade de ir sempre mais além na procura de novos conhecimentos através de práticas comparatistas. É objetivo principal do presente trabalho, apresentar uma proposta de leitura analítico-interpretativa da temática do mar presente nas três obras publicadas pelo autor Jorge Barbosa: *Arquipélago*, *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu*.

No segundo ponto do trabalho corresponde a uma breve apresentação e contextualização histórico-literário do autor Jorge Barbosa, um dos mais prestigiados poetas da moderna poesia cabo-verdiana. A sua poesia está virada para os problemas de Cabo Verde.

No terceiro ponto, através de uma metodologia que assenta na revisão da literatura procurou-se definir conceitos como: leitura literária, comparatismo, temas, motivos e mitos.

No quarto ponto procura-se traçar um percurso do mar na literatura cabo-verdiana desde os primórdios até aos escritores contemporâneos.

No quinto ponto através de uma metodologia comparatista foi feita uma análise transversal da temática mar nas obras *Arquipélago*, *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu*.

Por último foi apresentado algumas estratégias para ler melhor a partir do que se analisou e apresenta algumas propostas de estudos literários no ensino secundário recorrendo à metodologia comparatista.

Palavras-chave: Mar; Literatura Comparada; Ilha; Emigração; Saudade.

Abstract

Considering that comparison in literary studies is an indispensable tool for understanding literary texts and that the study of transversal themes besides providing knowledge, creates curiosity through comparative practices. The main objective of this work is to present a proposal for an analytical-interpretative reading of the sea theme present in the three works published by the author Jorge Barbosa: *Arquipélago*, *Ambiente e Caderno de um Ilhéu*.

In the second point of the work corresponds to a brief presentation and a historical literary contextualization of the author Jorge Barbosa, one of the prestigious poet of modern Cape Verdean poetry. His poetry turns to Cape Verde's problems.

In the third point, through a methodology based on the literature review, we tried to define concepts as: literary reading, comparatism themes, motives and myths.

In the fourth point we try to draw a course of the sea in Capverdean literature from the earliest times to Contemporary writers.

In the fifth point, through a comparative methodology a transversal analysis of the sea was made in the poet's works: *Arquipélago*, *Ambiente e Caderno de um Ilhéu*.

Finally, some strategies were presented to improve reading from what was analyzed and also presents some proposals for literary studies in secondary education using comparative methodology.

Key-words: Sea; Comparative literature; Island; Emigration; Missing.

Dedicatória

À Élia Monteiro e Mariana da Luz

Agradecimentos

Depois desta longa caminhada gostaria de agradecer à Deus pelo o dom da vida, à minha família pelo o apoio prestado durante estes anos, aos professores do curso de Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa, em especial a Professora Doutora Maria Paula Mendes Coelho pelas sugestões, correções, orientação e disponibilidade.

Índice

1. Justificação e objetivo	8
2. Breve apresentação do autor Jorge Barbosa.	11
2.1. Contextualização Histórico-Literário.....	13
3. Leitura Literária.....	20
3.1. Comparatismo.....	26
3.2. Temas e Motivos.....	34
3.3. Mitos	38
4. O mar na literatura Cabo-verdiana	41
5. Análise das obras <i>Arquipélago</i> , <i>Ambiente</i> e <i>Caderno de um Ilhéu</i>	55
6. Estratégias para ler melhor a partir do que se analisou	79
7. Algumas conclusões	85
Bibliografia	88

1. Justificação e objetivo

A partir da escolha do objecto de estudo, *O Mar na obra de Jorge Barbosa: propostas de leitura a partir de uma abordagem comparatista*, desenharam-se os objetivos que nos propomos alcançar ao longo do desenvolvimento do trabalho de pesquisa, os quais, entre outros, se centraram em:

- 1). Perceber a natureza e a função que esta temática tem na literatura universal;
- 2). Analisar essa temática em relação com o espaço cultural e o momento histórico do autor e compreender através dela a literatura do referido autor;
- 3). Apresentar uma proposta de leitura analítico-interpretativa da temática do mar presente nas três obras publicadas pelo autor: *Arquipélago*, *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu*;
- 4). Estimular, a partir da análise feita, o gosto pela leitura da obra literária do autor Jorge Barbosa.

O tema é um elemento fundamental para a compreensão do sentido global de uma obra, e como uma obra literária “depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (Cândido, 2006: 40), logo podemos afirmar que esta investigação sobre o tema “mar” pode levar-nos não só a compreender a obra de Jorge Barbosa, mas também a conhecer a sociedade cabo-verdiana da época. Os autores Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux reforçam o que foi acima defendido ao afirmar que:

“O domínio agora abordado obriga o investigador a dirigir alternativamente a sua reflexão, ora para o texto literário como sistema, ora para o período cultural em que o texto foi produzido, de maneira a compreender mais globalmente, não o funcionamento dum determinado elemento do texto, mas sim toda a sua função, isto é, a função dum texto portador dum elemento ou conjunto de elementos textuais (tema/temática)”. (Machado e Pageaux 2001: 89)

Os pressupostos teórico-metodológicos inerentes a este tipo de pesquisa ocorrem de forma explícita e consequente na fundamentação teórica. Levarão em conta, de uma forma sistematizada, a relação fundamental que existe entre tema e estrutura de uma obra.

O tema é “elemento que tende a estruturar um texto” (Machado e Pageaux, 2001: 91), de extrema importância na compreensão do sentido global do texto e do contexto em que este foi produzido. Para esses autores “o tema é um elemento mediador e fundador: mediador entre o homem e sua cultura, fundador do texto, do qual constitui as estruturas profundas (relacionando assim o texto ao imaginário coletivo e/ou individual)” (*Idem*: 91).

Podemos dizer que a poesia de Jorge Barbosa é marcada de uma forma ímpar pelo ambiente geográfico das ilhas de Cabo Verde. Na sua obra poética o elemento textual “mar” é recorrente e desencadeia várias inquietações na alma do sujeito poético.

Na tentativa de melhor compreender a especificidade que existe na obra do referido autor procuramos fazer um estudo comparativo da sua obra poética, logo este trabalho decorrerá de uma análise transversal do tema “mar” nas obras: *Arquipélago*; *Ambiente e Caderno de um Ilhéu*.

Primeiramente a Literatura Comparada estudava somente obras que pertenciam a campos linguísticos e culturais distintos. Foi evoluindo ao longo dos tempos e hoje as obras pertencentes ao mesmo campo linguístico e cultural, nomeadamente as de um mesmo autor, são suscetíveis de um estudo comparativo.

Em relação aos estudos comparativos George Steiner afirma que:

“ler é comparar, desde o seu início os estudos literários e as artes de interpretação têm sido comparativos. Os pedagogos, os comentadores de textos, os críticos e teóricos literários de Atenas e de Alexandria comparam diversos aspetos das obras de um único autor, como Homero” (Steiner, 2003: 152)

De facto, como afirma Helena Buescu “não é possível ler senão comparativamente”, toda a leitura é “ativação, partilha e cooperação interpretativa” (Buescu, 2001: 23). Ainda sobre isso a mesma autora diz que a Literatura Comparada é útil no sentido em que:

“permite uma apreensão sistemática de alguns dos problemas que de forma generalizada se colocam a qualquer pesquisa e reflexão dentro dos estudos literários. (...) A literatura comparada nos leva a ver como desocultadas várias questões que, em áreas afins dos estudos literários, podem apresentar-se como ocultadas (ou podem

limitar-se, o que talvez seja ainda mais significativo, a não ser desocultadas)”. (Buescu, 2001: 17)

Com base nisso podemos afirmar que a comparação é indispensável enquanto ferramenta que auxilia na reflexão e na pesquisa dentro dos estudos literários. Como afirma Paula Mendes Coelho “o ensino da literatura tem que passar cada vez mais por práticas comparatistas.” (Coelho, 2011:292).

2. Breve apresentação do autor Jorge Barbosa.

Jorge Vera-Cruz Barbosa nasceu na ilha de Santiago, de Cabo Verde, em 22 de Maio de 1902 e faleceu em Portugal em 6 de Janeiro de 1971. A infância e a juventude passaram-nas na ilha de São Vicente, onde fez os seus estudos primários, continuou os estudos em Portugal concluindo o 3º ano no Liceu de Gil Vicente. Regressou a Cabo Verde, continuando os seus estudos até ao 5º ano, que não chegou a concluir.

Cedo, concretamente aos dezoito anos de idade, entra para a alfândega de São Vicente. Resultado de várias transferências, percorre quase todas as ilhas em serviço.

Como funcionário aduaneiro residiu longos anos na ilha do Sal, onde se aposentou em 1967, com sessenta e cinco anos, com a categoria de diretor de alfândega.

Na segunda metade de 1970, já bastante adoentado do coração, desloca-se à Portugal, tratar e descansar, junto da família, que se havia transferido para a Cova da Piedade, onde alguns meses depois veio a falecer.

Em 1954, tendo sido nomeado comissário do governo de Cabo Verde para acompanhar emigrantes a São Tomé, “aproveitou o regresso, via Lisboa, para estar trinta dias nesta cidade, realizando um sonho antigo. De facto, esta foi a única grande viagem que fez em adulto excetuando a última, por motivos de doença, a Lisboa, que seria a derradeira”. (Santos, 1989: 28)

Segundo Elsa Rodrigues dos Santos, Jorge Barbosa começou a escrever poemas aos catorze anos, que foi guardando na gaveta. Ele publicou três livros de poemas: *Arquipélago* (1935), *Ambiente* (1941) e *Caderno de um Ilhéu* (1955), que terá sido distinguido com o prémio de poesia Camilo Pessanha. Ao publicar o seu primeiro livro, *Arquipélago*, “rompia a tradicional dependência dos modelos metropolitanos e tornava-se o pai da cabo-verdianidade poética, isto é, pioneiro da moderna poesia cabo-verdiana”. (*Idem*: 28). Jorge Barbosa foi o primeiro poeta cabo-verdiano a construir uma poesia de temática cabo-verdiana, onde ele procurou refletir sobre a realidade social, cultural e

étnica de Cabo Verde. Até então os poetas cabo-verdianos procuravam imitar os clássicos tanto na forma como nos temas, e Jorge Barbosa com a publicação da obra *Arquipélago* “revolucionou a forma de escrever poesia em Cabo Verde, não só em termos temáticos, mas também cultivando formalmente uma liberdade estética.” (*Idem*: 28) Com feito, segundo Fernando Monteiro, “o verso solto, a poesia livre está mais de acordo com o espírito livre dos cabo-verdianos, daí a sua rápida assimilação logo após a sua introdução por Jorge Barbosa.”¹

Pertenceu ao grupo *Atlântico*, inspirado por Jaime Figueiredo, o que não chegou, porém, a concretizar-se através de qualquer publicação. Em 1936, juntamente com um grupo de poetas amigos, Manuel Lopes e Baltasar Lopes, funda a revista *Claridade*, “que será um marco importante na literatura de Cabo Verde, assente sobre a consciencialização das realidades do meio ambiente”. (*Idem*: 28)

Escreveu dois contos que publicou no boletim *Cabo Verde*, em 1952 e na *Antologia da ficção Cabo-verdiana*, organizada por Baltasar Lopes, em 1960: *Cinco Num Escritório e Conversa Interrompida*, que são uma amostragem modesta da sua incursão pela narrativa.

No conto *Conversa Interrompida* é protagonista um poeta que almeja ser distinguido como um dos maiores de todos os tempos, segundo Jorge Tolentino “o real do poeta-protagonista é o sonho do poeta-autor. Aquele e este, o mesmo: Jorge Barbosa. Aqui ficcionista, mas sobretudo poeta.”² O que nos leva a crer que Jorge Barbosa se assumiu sempre como poeta, destacando-se como um dos maiores poetas cabo-verdianos de todos os tempos.

Deu a sua colaboração literária em revistas e jornais da época, como: *Presença*, *Descobrimento*, *Fradique*, *Claridade*, *Cadernos de Poesia*, *Atlântico*, *Mundo Português*, *Aventura*, *Movimento*, *Mensagem*, *Cabo Verde*, *Notícias de Cabo Verde* e outros jornais e revistas portuguesas e brasileiros. Deixou um espólio, hoje propriedade dos herdeiros.

¹ Fernando Monteiro, “Jorge Barbosa O pioneiro da Moderna Poesia Cabo-verdiana” *In Claridade A Palavra dos Outros*, Instituto Biblioteca Nacional, Praia, 2010, p. 773.

² Jorge Tolentino, “Conto de Jorge Barbosa” *In Claridade A Palavra dos Outros*, Instituto Biblioteca Nacional, Praia, 2010, p. 693

2.1. Contextualização Histórico-Literário

Para uma melhor compreensão da obra de Jorge Barbosa torna-se necessário conhecer o ambiente geográfico, histórico e social das ilhas de Cabo Verde, pois como afirma Manuel Veiga “a emergência da cultura cabo-verdiana é devedora do ambiente das ilhas.”³ Ideia também sustentada por Elsa Rodrigues dos Santos ao afirmar que:

“para ter uma visão mais ampla do fenómeno literário cabo-verdiano, necessário é apontar, resumidamente, os condicionalismos geográficos e climatéricos do arquipélago de Cabo Verde e os aspetos mais importantes que presidiram à sua formação histórica” (Santos, 1989: 33)

O arquipélago de Cabo verde é formado por dez ilhas, sendo as orientais planas e rodeadas de longas praias, e as restantes possuindo um relevo acidentado, mesmo muito montanhoso. A origem das ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde ainda hoje continua por explicar. Segundo Orlando Ribeiro, citado por Elsa Rodrigues dos Santos, “estas, devido à formação vulcânica das rochas, devem ser resultantes de erupções do mar que provocaram violentas explosões no solo submarino.” (Santos, 1989: 33).

Muitos escritores cabo-verdianos, na tentativa de encontrar uma explicação da origem das ilhas do arquipélago recorrem ao mito da Atlântida, referido por Platão.

Segundo Manuel Brito Semedo, “o mito lendário e utópico das ilhas de Cabo Verde serem as hespérides surgiu com os poetas do séc. XIX, impulsionados pela cultura clássica adquirida no Seminário Liceu de São Nicolau” (Semedo, 1995: xvi).

Contudo, a ligação das origens geológica das ilhas de Cabo Verde com o continente mítico da Atlântida, na opinião de Orlando Ribeiro citado por Elsa Rodrigues dos Santos não tem qualquer fundamento científico:

³ Manuel Veiga, “Jorge Barbosa e a Poética do Ambiente” *In* Revista Cultura Cabo Verde, julho 98, Nº2, p. 142.

“As tentativas de aproximar o mítico continente de Platão da história geológica recente do Atlântico Norte carecem de qualquer fundamento científico, seja qual for a autoridade aparente dos seus autores. As Ilhas Atlântidas não representam as cumeadas das cadeias de montanhas de um continente tragado pelas ondas; pelo contrário, todas são ilhas bem “oceânicas”, formadas no mar largo pela acumulação de produtos eruptivos a partir de uma área de médias profundidades. Em nenhuma foi possível individualizar um “soco” ou sedimentar de origem continental: as pretensas observações aduzidas neste sentido referem-se indubitavelmente às pedras de lastro trazidas pelos navios.” (Ribeiro, 1960 *apud*. Santos, 1989: 34)

As ilhas de Cabo Verde encontram-se situadas a 455km da costa ocidental africana, entre 14°48’ e 17°12’ de latitude Norte e entre 22°40’e 25°22’ de longitude Oeste. O arquipélago tem uma superfície de 4033 km². É formado por dez ilhas e oito ilhéus separados e dois grupos de ilhas: Sotavento, ao sul e Barlavento ao norte.

O grupo de Barlavento é formado pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (desabitada), São Nicolau, Sal e Boa Vista. Fazem ainda parte os ilhéus dos Pássaros (São Vicente), Branco e Raso (Santa Luzia) e Sal Rei (Boa Vista), todos desabitados.

O grupo de Sotavento é formado pelas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava. Fazem ainda parte os ilhéus de Santa Maria (Santiago), Luís Carneiro, Sapado, Grande e Cima (Brava), todos desabitados.

Em relação ao clima cito Marie-Christine Hanras que faz uma descrição precisa do clima do arquipélago:

“O clima é consequência de três massas de ar principais. O vento predominante é alísio do Nordeste, pouco húmido. O mais temido é o Harmatão, chamado “Lestada” porque vem de leste, do continente; é um vento quente e seco que queima tudo a sua passagem. O vento mais desejado é o Mansão atlântica, quente e húmida, que sopra do Sul-Sudoeste e traz consigo as chuvas, chamada “as-águas”, de Agosto a Outubro, e a seca. A pluviosidade é irregular e a seca é frequente, não chovendo durante vários anos seguidos. As inundações são extremamente raras, mas igualmente catastróficas, ocasionadas por chuvas diluvianas arrebatando tudo á sua passagem. O clima é quente e constante o ano inteiro, as temperaturas variam pouco: 20° C e 25°C.” (Hanras, 1995: 21)

Diante do adverso condicionalismo climático podemos dizer que as condições de vida no arquipélago não são fáceis, em outros tempos os anos de seca eram dramáticos, o

que provocava a saída em massa dos cabo-verdianos para outras paragens à procura de melhores condições de vida. Atualmente as estiagens já não têm as mesmas consequências de outrora, isto devido à intervenção pontual dos governos através de planos de mitigação da seca. Como diz o poeta Ovídio Martins no poema “Flagelados do Vento Leste”: “as estiagens já não nos metem medo/ porque descobrimos a origem das coisas/(quando pudermos!...)”⁴

Quanto ao descobrimento das ilhas existem várias teorias que não convergem, mas no nosso trabalho referenciaremos Elsa Rodrigues dos Santos que por sua vez citou Orlando Ribeiro, o qual sintetiza a opinião de outros historiadores como Jaime Cortesão, Senna Barcelos e Damião Peres:

“As ilhas de Cabo Verde foram descobertas em dois grupos. O primeiro, provavelmente em 1460, compreendia as ilhas orientais e meridionais; o segundo, em 1462, as restantes (isto é, primeiro Boa Vista, Santiago, Maio, Sal e Fogo, depois Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia e São Nicolau).” todos eram, até então, completamente desconhecidas; nenhum vestígio foi encontrado que possa considerar-se anterior á ocupação portuguesa.

[...]

O primeiro diploma em que são mencionadas é a carta régia de 3 de Dezembro de 1460, pela qual D. Afonso V doou ao Infante D. Fernando, seu irmão, os Açores, a Madeira e as cinco ilhas de Cabo Verde até então conhecidas (Sal, Boa Vista, Maio, Santiago e Fogo; a Brava, próxima desta, não fora talvez reconhecida, pelo escarpo das suas arribas; por isso, e pelo seu pequeno tamanho, não se lhe teria dado importância. Descoberta a ilha do Fogo, é impossível não se ter avistado a que lhe fica mais perto) [...] logo em seguida, começou a ilha de Santiago a ser povoada (1462) por diligência do Infante D. Fernando. Mas, como ficava muito longe do reino, a gente só aí queria ir viver “com mui grandes liberdades e franquezas” (Ribeiro, 1960 *apud*. Santos 1989: 35)

O povoamento das ilhas foi feito por europeus (em menor número) e africanos (em maior número). Logo “no início, alguns portugueses instalaram-se na ilha de Santiago, fundaram uma feitoria e os primeiros escravos começaram a chegar principalmente da região então chamada Rio da Guiné” (Hanraas, 1995: 24). Os brancos estavam no arquipélago com o objetivo de explorar a terra usando a mão de obra escrava. Muitos

⁴ Ovídio Martins, “Flagelados do Vento Leste” *In Antologia Temática de Poesia Africana: na noite grávida de punhais*. Sá da Costa Editora, Lisboa, 1977, p. 46.

vieram sem mulher o que motivou o envolvimento com a mulher negra desencadeando assim a miscigenação, onde as duas comunidades se apropriaram de elementos culturais uns dos outros. Vários outros fatores contribuíram para esta miscigenação como nos mostra Manuel Ferreira na seguinte passagem:

“Inexistência da monocultura em Cabo Verde; pela pequenez do meio onde parece não ter sido possível a formação da casa-grande afastada da senzala; pela necessidade de uma defesa comum frente aos assaltos constantes dos navios piratas; pelo reduzido número de mulheres brancas; menor resistência das culturas negras: por serem terras desligadas do continente africano” (Ferreira, 1973: 18)

A Igreja Católica teve um importante papel cultural no povoamento das ilhas. Conjuntamente com os colonizadores vieram os padres com a responsabilidade de catequizar os negros e ensinar-lhes a estrutura básica da língua portuguesa. Importância reconhecida por alguns autores como Elsa Rodrigues dos Santos ao afirmar que: “desde os primórdios da colonização que o ensino esteve a cargo da igreja. Os primeiros mestres ou educadores terão sido os franciscanos, chegados a ilha de Santiago em 1466” (Santos, 1989: 35). E também Manuel Brito Semedo ao afirmar que:

“ao nível da cultura a Igreja Católica desempenhou um papel muito importante, com a abertura do Seminário Liceu em 1866, na ilha de S. Nicolau, onde se formaram as figuras mais importantes de Cabo Verde: Eugénio Tavares, Pedro Cardoso, Juvenal Cabral, José Lopes, Baltazar Lopes, João Lopes, entre outros.” (Semedo, 1995: 5)

Com a criação do Seminário Liceu, Cabo Verde ganha um certo dinamismo cultural, “pois a partir daí saíram centenas de jovens, espalhando-se por todo o arquipélago, no funcionalismo público, outros abraçando a carreira religiosa.” (Santos, 1989: 38) E esses jovens começaram a dar seus primeiros passos na produção de textos tanto em prosa como em verso, “na falta de um periódico, se manifestam no *Boletim Oficial* (no último quartel do século XIX) e no *Almanach de Lembranças*” (*Idem*: 38).

Contudo, as publicações feitas no *Boletim Oficial* e no *Almanach de Lembranças*, não retratavam a realidade cabo-verdiana, “o discurso literário cabo-verdiano era quase exclusivamente subsidiário do discurso literário português” (Semedo, 1995: 53). Os escritores estavam desligados da realidade das ilhas, essa atitude possivelmente é fruto da

formação que recebiam no Seminário Liceu de São Nicolau, mas essas publicações funcionaram como o alicerce da literatura cabo-verdiana, tal como afirma Manuel Brito Semedo:

“Se é bem verdade que, duma maneira geral, aqueles poetas e prosadores não deixaram transparecer na sua literatura o real social cabo-verdiano e continuaram a usar as formas clássicas rígidas, é igualmente verdade que tiveram o mérito de criar as condições necessárias para o surgimento de uma verdadeira literatura nacional, quanto mais não seja criando e mantendo uma certa tradição e prática literárias.” (Semedo, 1995: 17)

Muito se tem escrito sobre esta geração de escritores, que são acusados de terem produzido uma literatura que não retrata a realidade social cabo-verdiana. António Aurélio Gonçalves reconhece que a acusação tem fundamento, mas ressalva que a obra desses escritores foi escrita com a intenção de dignificar Cabo Verde:

“A obra do pré-claridoso é obra de iniciação, obra de pioneiros. Todavia, sendo assim, é também obra tecnicamente inquinada pela imitação estrangeira. É uma obra, fundamentalmente, lírica. O pré-claridoso via Cabo Verde através de si próprio, cantou-se a si, à sua vida íntima, embora como cabo-verdiano. Faltou-lhe cultivar um ramo da literatura de cariz objetivo [...] onde ela encontra fontes de inspiração é no exercício da imaginação quase sempre desprendida da realidade, do meio físico e social que o envolve. Mas reparemos que, com o decorrer do tempo, a literatura dos pré-claridosos caminhava para o conhecimento e contacto com a terra e com o homem cabo-verdiano” (Gonçalves, 1998: 118)

O poeta Jorge Barbosa com a publicação da sua obra *Arquipélago* em 1935 marcou uma nova era na literatura cabo-verdiana, podemos falar a partir daí de uma literatura cujo tema principal diz respeito ao homem cabo-verdiano e às ilhas. Segundo Simone Caputo Gomes, Jorge Barbosa é considerado “o pioneiro da modernidade na literatura cabo-verdiana. Antes do seu livro *Arquipélago*, pouco teríamos a destacar como genuinamente crioulo em termos literário” (Gomes, 1993: 35)

Em Março de 1936 foi publicado a revista *Claridade*, cujo núcleo fundador e dinamizador era constituído por Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes. Para

muitos estudiosos esta revista representa o nascimento da literatura cabo-verdiana. Manuel Brito Semedo chega a denominá-la como “o grito da independência literária de Cabo Verde” (Semedo, 1995: 17), considerando-a como “o acontecimento mais importante de todos os tempos na vida cultural desse país” (*Idem*:17) Esta revista tinha como objetivo retratar a vivência do homem cabo-verdiano e tal como afirma Elsa Rodrigues dos Santos “a revista cumpriu-se com um ideário que tinha, como principais premissas, afastar-se dos cânones portugueses e exprimir a voz coletiva do povo cabo-verdiano”. (Santos, 1989: 38).

Segundo Manuel Lopes citado por Manuel Brito Semedo o programa da *Claridade* significava “fincar os pés na terra cabo-verdiana. [...] em contacto com a terra os pés se transformaram em raízes e estas se embeberiam no húmus autêntico das nossas ilhas” (Semedo, 1995: 36). Os autores nos seus textos procuram denunciar os problemas que afetavam o homem cabo-verdiano: as estiagens, a fome, a emigração, a insularidade, a decadência do Porto Grande e a situação de abandono em que se encontravam as ilhas. Segundo a autora Elsa Rodrigues dos Santos “o contributo dos escritores da *Claridade* foi importante para um novo modo de expressão, com base no entendimento das raízes do homem cabo-verdiano” (Santos, 1989: 47). De acordo com Manuel Ferreira o movimento literário claridoso pode ser entendido como uma “redescoberta das raízes” afirmando que:

“Estes poetas, pela primeira vez na história da literatura culta de Cabo Verde, arrancam do próprio húmus, pela primeira vez nas terras africanas de influência portuguesa se experimenta uma poesia de raiz. Uma poesia de raiz predominantemente telúrica e social. E, por isso, se não era diretamente protestatária e militante, era com certeza de denúncia.” (Ferreira, 1975: 88)

O movimento “claridoso” preparou terreno para o surgimento de outros movimentos literários, que deram continuidade ao estudo das raízes crioulas e denunciaram os problemas que afligiam o povo cabo-verdiano, pegando nas palavras de Gerald Moser “todos têm tido um carácter exclusivamente cabo-verdiano.(...) Têm-se debruçado sobre temas cabo-verdianos”⁵. Mas esses movimentos literários posteriores usaram uma linguagem diferente na forma de tratar os temas.

⁵ Gerald Moser, “Da *Claridade* a Ponto & Vírgula, ou como se sustenta uma revista cultural num meio pequeno” *In* Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura cabo-verdianas – Atas, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Praia, 2010, p. 39.

Surgiu em 1944 a folha académica batizada com o nome de *Certeza*, constituída por um grupo de alunos finalistas do Liceu Gil Eanes. Segundo Simone Caputo Gomes a *Certeza* “apontava para o realismo socialista, mais tarde com grande teor reivindicativo.” (Gomes, 1993: 37). Só houve duas publicações desta revista, uma vez que a terceira foi censurada, mas teve um papel de relevo na literatura cabo-verdiana. Segundo Elsa Rodrigues dos Santos esses jovens “situam-se, por um lado, num contexto universal do drama coletivo, por outro, encaram de frente os problemas da sua terra, com a consciência da necessidade de ação e mudança.” (Santos, 1989: 50)

Em 1958 surge o *Suplemento Cultural*, que em relação a *Claridade* e *Certeza* “deverá encarar-se como uma solução de continuidade, por um lado, assinalando uma evolução. Um ponto comum as identifica: a revelação da cabo-verdianidade” (Ferreira, 1975: 150). Simone Caputo Gomes afirma que os escritores desta revista literária “revelavam sua raiva reprimida e o seu protesto de colonizado.” (Gomes, 1993: 36) Ainda segundo a mesma autora “a tentativa de africanização da literatura em Cabo Verde é uma constante na obra destes escritores, passando da fase de particularização à de combate, englobando dois momentos de um mesmo processo” (*Idem*: 36)

Na mesma linha de linguagem do *Suplemento Cultural*, ou seja fazendo uso de uma linguagem objetiva e agressiva, surgiram outras revistas literárias, o *Boletim dos alunos do Liceu Gil Eanes* em 1959, *Seló* em 1962 e *Juventude em Foco* em 1969, “traçando o caminho da cabo-verdianidade poética, com novas propostas, sem dúvida, mas bebendo as fontes de Jorge Barbosa e dos poetas da *Claridade*” (Santos, 1989: 52)

3. Leitura Literária

O trabalho que ora se apresenta, passa por uma leitura literária de três obras do poeta Jorge Barbosa, no sentido de compreender a função e a natureza do tema universal “mar”, na literatura do referido autor.

A leitura literária é “um meio fundamental para potencializar a interação entre o leitor e o texto e, conseqüentemente, o desenvolvimento da compreensão.” (Prole, s/d). Ela altera a nossa forma de sentir, de ver e de estar na vida. Podemos afirmar que uma obra de arte nos transporta para um mundo imaginário criado pelo autor, diferente do que encontramos na vida quotidiana, que permite ao leitor ficar mais preparado para a vida, uma vez que o leitor na interação com o texto encontra nele experiências vivenciadas por outros e que aproximam da sua vida quotidiana, ajudando na compreensão do mundo. O que leva Antoine Compagnon a defender que:

“a literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio- alguns dirão até mesmo o único- de preservar e transmitir a experiência, dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.” (Compagnon, 2009: 47)

Na interação com o texto na busca da compreensão, o leitor assume uma posição ativa, para isso, faz uso de toda a sua experiência de vida, tanto ele acrescenta ao texto, como também recebe do texto novas experiências, pois segundo Maria da Graça Sardinha “compreender o texto faz com que o leitor o transforme e, em simultâneo, se vá transformando a si mesmo.” (Sardinha, s/d)

Na mesma linha de pensamento António Prole defende que “é fundamental para a compreensão leitora que o leitor confronte a sua experiência pessoal, os seus sentimentos e conhecimentos, com o que é expresso na obra.” Para reforçar a ideia defendida pelos dois autores, recorremos a Alberto Manguel:

“Seja qual for a forma como os leitores fazem seu livro, o resultado é que esse livro e o leitor se tornam num só. O mundo que o leitor é devora o leitor que é uma letra no texto do mundo. Assim se cria uma metáfora circular. Nós somos aquilo que lemos...o texto e o leitor entrelaçam-se...” (Manguel, 1998: 182)

O que foi exposto acima permite-nos pensar que a dimensão de uma obra é determinada pelo leitor, como defende Maria da Graça Sardinha ao afirmar que “A forma como cada leitor interage com o texto depende do desenvolvimento das suas estruturas linguísticas, cognitivas e culturais.” (Sardinha, s/d) E ainda a mesma autora acrescenta que “as estruturas do conhecimento pré-existente (esquemas), ativadas durante a compreensão, determinam que variedades de interpretações qualitativamente diferentes serão dadas a um texto.” (*Idem*)

De facto um mesmo texto não produz os mesmo efeitos em todos os leitores, até num mesmo leitor quando lê uma obra mais do que uma vez acaba por construir outros sentidos ao texto. Como afirma Isabel Pires de Lima “um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer.”⁶ A leitura é processo dinâmico de interação, o livro é sempre o mesmo mas o leitor muda a cada dia que passa a medida que vai adquirindo novas experiências.

O leitor com competência literária, para compreender o texto, além de relacionar a sua experiência de vida com o texto, procura encontrar nele aquilo que aproxima da sua cultura, da sua vivência, podemos dizer que um leitor com competência literária encontra no texto ferramentas que o ajudarão a resolver, ou, a dar respostas aos desafios que a vida lhe apresenta, conseguirá ver espelhado na obra literária não só a sua experiência individual mas também a memória coletiva da sua sociedade como podemos verificar na afirmação de Isabel Pires de Lima:

“A literatura, sobretudo a já clássica, constitui um arquivo da memória coletiva transformada artisticamente, que os povos não podem nem desconhecer nem esquecer, sob pena de se desidentificarem. Conhecer-la é tão imprescindível para criar bons cidadãos e sedimentar e fortalecer a identidade coletiva como é conhecer a história ou o património nacional”. (Lima, 2011: s/p)

⁶ Isabel P. Lima “Ensinar (a gostar de literatura)” *In* Diário de Notícias, "Opinião", 11 de julho de 2011.

Carlos Ceia aproxima-se do que foi exposto acima em relação à competência literária ao afirmar que “a competência literária para a leitura diz-nos não tanto o modo de funcionamento de um texto literário, mas antes possibilita descobrir nele aquilo que se aproxima do nosso mundo quotidiano.” (Ceia, s/d)

O leitor que encontra no texto aspetos que aproxima do seu quotidiano, terá na sua posse ferramentas, como já foi dito, que ajudarão na compreensão do mundo, o que tornará a sua vida mais plena de sentido. Tal como afirma ainda Cândido Oliveira Martins: “lemos para aumentar o nosso capital simbólico tão necessário na interação social; lemos para conhecer o mundo, os outros e a nós próprios” (Martins, 2008: s/p). Esta ideia é reforçada por Tzvetan Todorov ao afirmar que:

“Hoje eu me pergunto por que amo a literatura, a resposta que vem espontaneamente à cabeça é porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse dos feridos que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permitem melhor compreendê-las.” (Todorov, 2009: 23)

A leitura literária não pode ser entendida como um simples momento de lazer, para fazer passar o tempo, tendo em conta o que ela pode fazer na vida das pessoas. Segundo Samuel Johnson citado por Antoine Compagnon “o único fim da literatura é tornar os leitores capazes de melhor gozar a vida, ou de melhor suportá-la.” (Compagnon, 2009: 48). Para o autor citado a condição humana não podia ser compreendida em sua complexidade sem o auxílio da literatura, ela dá mais sentido a vida, na medida que aproxima o leitor de novas realidades, novas formas de pensar e de estar na vida, o que nos leva a acreditar que a literatura tem poder de transformar as pessoas, ampliando o seu horizonte torna-as mais bem preparadas, como podemos ver na afirmação de Tzvetan Todorov:

“Todos participam do que Kant, no famoso capítulo da Crítica da Faculdade do Juízo, considerava como um passo obrigatório no caminho para o “senso comum”, ou seja, para nossa própria humanidade: “pensar colocando-se no lugar de todo e qualquer ser humano”. Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou

personagens literárias é único meio de tentar à universalidade e nos permitir cumprir nossa vocação.” (Todorov, 2009: 82)

A partir do exposto pensamos que a literatura tem uma função humanista e universalista, permitindo o contacto com novas experiências que nos ajudam a compreender melhor o nosso próximo e o mundo, ideia reforçada ainda por Antoine Compagnon ao dizer que “a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (Compagnon, 2009: 26)

Além do conhecimento do homem e do mundo acima defendido a literatura também permite desenvolver uma atitude crítica e nunca conformista perante questões sociais, políticas, económicas. Atitudes consideradas fundamentais para o exercício pleno da cidadania. Alguns autores demonstram esta importância da literatura na formação de cidadãos esclarecidos das suas funções sociais.

Assim as autoras Maria Oliveira Martins e Cristina Manuela de Sá abordam a importância da literatura na formação dos cidadãos, “dotando-os de competências fundamentais para fazerem face ao avanço tecnológico e para exercerem plenamente a sua cidadania.” (Martins e Sá s/d).

Cândido Oliveira Martins também reconhece a importância da literatura na formação dos cidadãos ao afirmar que “Numa sociedade evoluída, mostra-se essencial a existência de cidadãos esclarecidos, aptos a exercer os seus direitos de cidadania. Para isso, é fundamental que todos tenham salutares hábitos de leitura.” (Martins, 2008: s/p).

Segundo Bloom, citado por Antoine Compagnon, “somente a leitura intensa, constante é capaz de construir e desenvolver um eu autónomo,” (2009: 49) independente e consciente das suas responsabilidades sociais e nunca submisso.

Ainda na esteira dos autores acima citados Maria da Graça Sardinha defende que a leitura oferece aos cidadãos ferramentas indispensáveis para a formação do cidadão, que é, diga-se de passagem, um processo de formação em construção:

“A leitura é um instrumento fundamental na formação global da pessoa, uma dádiva imprescindível no desenvolvimento da nossa identidade (sempre imperfeita), na nossa educação para a cidadania. Através da leitura vamos construindo a nossa identidade pessoal que corresponde a uma construção nunca acabada do eu.” (Sardinha s/d)

Segundo Antoine Compagnon “a literatura, enquanto instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura enquanto experiência da autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo” (Compagnon, 2009: 34). É consenso geral que a literatura pode ser vista como uma arma poderosa na luta contra a opressão, denunciando as injustiças, os abusos de poder e o desrespeito pelos direitos humanos. O mesmo acrescenta que “a literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder... ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades” (*Idem*: 34). Os governantes tiranos não sobrevivem a um povo que pensa, que sabe interpretar para melhor agir ativamente no mundo, e exercer melhor a cidadania. Preferem criar políticas educativas que não promovem a leitura, assim terão cidadãos passivos desprovidos de sentido crítico.

Cândido Oliveira Martins defende que “quem não lê, atrofia-se do ponto de vista linguístico, estético e cultural; quem não lê, regride na sua capacidade de pensar o que o rodeia.” (Martins, 2008: s/p) A pessoa que não lê funciona como um “cata-vento”, não tem autonomia para pensar pela sua própria cabeça. Ainda para o mesmo autor: “Lê-se para superar a ignorância e tomar consciência do valor da liberdade de pensamento e da capacidade do ser humano para pensar ilustradamente pela sua cabeça.” (*Idem*: s/p)

A leitura tem o poder de mudar a vida das pessoas em todos os sentidos, mas a ausência dela abre caminho para a perpetuação de opressão e abusos de poder. A falta da leitura ou ausência dela não permite às pessoas terem a noção da utilidade que ela tem para as suas vidas, logo não podem sonhar com este “bem precioso”. O indivíduo fica limitado no exercício da sua cidadania, levando à exclusão social, o que constitui um atentado a liberdade e a dignidade humana, na opinião de Maria Oliveira Martins e Cristina Manuela de Sá:

“A capacidade de usar a informação escrita é uma questão de sobrevivência na vida do cidadão, um fator de facilidade no acesso à cultura comum e na sua partilha, na mobilidade social. A incapacidade de o fazer constitui um fator de redução do nível e da qualidade da participação social, logo, de exclusão social. (Martins e Sá, s/d:6)

A cultura adquirida nos livros é o motor de desenvolvimento de qualquer sociedade. A leitura forma cidadãos ativos que pensam de forma crítica, e que estão empenhados na procura do bem comum. Ideia defendida por Cândido Oliveira Martins ao afirmar que:

“Lê-se para termos opiniões e para tomarmos decisões, para estarmos mais informados sobre o que nos rodeia, sendo deste modo a leitura uma fonte insubstituível de instrução e desenvolvimento do sentido crítico; a maturidade e evolução de uma democracia mede-se pelo tipo de informação e pela capacidade judicativa das pessoas, pelo que a leitura está indissociavelmente ligada ao pleno exercício da cidadania, e esta não se coaduna com preocupantes taxas de iliteracia” (Martins, s/d:4)

Podemos concluir que a leitura literária é fundamental para o desenvolvimento humano e social, atendendo aos efeitos que produz nos cidadãos.

Compete às escolas e aos vários intervenientes no processo educativo formarem leitores com competência literária para a leitura.

3.1. Comparatismo

Ao longo dos tempos a Literatura Comparada não teve o mesmo significado, logo torna-se necessário compreender as origens e a evolução que teve até ganhar a importância que tem hoje dentro dos estudos literários.

Gerhard Kaiser defende que “as origens da literatura comparada e das ciências literárias estão muito perto uma da outra, mas houve um atraso na evolução da literatura comparada” (Kaiser, 1980: 18) o mesmo faz um resumo da evolução da literatura comparada:

“Já a Roma clássica, a Renascença e o Barroco conhecem a comparação literária, mas só com o início do Iluminismo, essencialmente na “*Querelle des ancies et des modernes*” e com Vico, é que se desenvolve uma consciência histórica genuína que confere à reflexão literária comparada uma nova qualidade. A comparação serve cada vez mais para formular a noção anti palaciana e anti metafísica de uma natureza humana idêntica através de toda a evolução histórica e acima de todas as diferenças presentes, e desta maneira preparar ideologicamente a emancipação real da burguesia; ao mesmo tempo cabe-lhe cada vez mais, ao longo do séc. XVIII, a tarefa de fixar as diversas formas desta natureza humana ao longo da história. A procura de uma identidade nacional e o internacionalismo humanista – ambos se realizam principalmente no campo literário – não se excluem um ao outro, mas antes se condicionam mutuamente” (Kaiser, 1980: 19)

Para o autor acima citado, apesar de estarem reunidas todas as condições para a criação de uma Literatura Comparada no séc. XVIII, tal não foi possível por causa das seguintes razões:

“- Por ciências entendem-se em primeiro lugar a matemática e as ciências naturais-separadas destas, tal como pode verificar-se no título exato da *Encyclopédie*, estão a técnica e artes, inclusive a crítica de arte.

- A literatura é, em primeiro lugar, instrumento da luta pela emancipação da burguesia, embora sendo objeto de conceptualização programática e de especulação histórico-filosófica, não é, ou apenas excecionalmente, objeto de trabalho histórico-filológico.

- Nacionalismo e internacionalismo, e com eles a literatura nacional e a literatura da humanidade, são vistas como uma unidade não problemática; as distinções entre histórias da literatura nacionais e internacionais têm significado pragmático e não o valor enfático que vão ganhando ao longo do séc. XIX” (Kaiser, 1980: 20)

No século XIX a difusão do conceito de Literatura Comparada “teve início nas universidades francesas, tendo a primeira cátedra de Literatura Comparada surgido em Lyon, em 1887”. (Carvalho, 2006: 11). Mais tarde, nas universidades norte-americanas, foram introduzidas disciplinas que colocavam a Literatura Comparada como objeto de ensino ao lado da Literatura Geral.

Ao longo dos tempos a definição da literatura comparada não tem sido consensual, tendo provocado várias discussões na procura de uma definição exata do termo. Segundo Tânia Franco Carvalho “a dificuldade de chegarmos a um consenso sobre a natureza da literatura comparada, seus objetivos e métodos, cresce com a leitura de manuais sobre o assunto” (Carvalho, 2006: 7). A mesma autora apresenta a seguinte definição para a literatura comparada: “Usada no singular, mas geralmente compreendida no plural, ela designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas.” (Carvalho, 2006: 5)

No início, a tal confrontação acima referida só era permitida entre duas literaturas de duas nacionalidades distintas, e limitava-se a encontrar e analisar influências de uma literatura em outra, Ulrich Weisstein citado por Salvato Trigo considera essa conceção totalmente ultrapassada e acrescenta que:

“a literatura comparada é muito mais ampla do que a simples história da literatura, pois nela estuda-se, além desta última disciplina, crítica e teoria literária e inclusive, também poética, embora exclua o elemento estético como tema especial pertencente a filosofia” (Weisstein, 1975 *apud*. Trigo, 1986: 26)

Brunel, Pichois e Rousseau citados por Salvato Trigo também conferem à literatura comparada uma dimensão internacional, como podemos ver na seguinte definição que eles apresentam para a literatura comparada:

“descrição analítica, comparação metódica e diferencial, interpretação sintética dos fenómenos literários interlinguísticos e interculturais, pela história, a crítica e a filosofia, a fim de compreender melhor a literatura como função específica do espírito humano” (Brunel, 1983 *apud.* Trigo 1986:26)

Para essa concepção, só são suscetíveis de um estudo comparativo, os textos literários produzidos em países diferentes e com sistema linguístico diferente. O que inviabilizaria o estudo que pretendemos fazer das três obras de Jorge Barbosa dentro dos estudos comparados, porque com base nesta definição estes textos apresentam o mesmo estilo e sobretudo são de um só autor. Mas, os comparatistas norte-americanos contribuíram de uma forma louvável para a evolução dos estudos comparados: “aceitam os estudos comparados dentro das fronteiras de uma única literatura.” (Carvalho, 2006: 15) E isso permite comparar duas ou mais literaturas produzidas em um mesmo país, inclusive do mesmo autor, como pretendemos fazer com o estudo comparativo do tema “mar” nas obras *Arquipélago; Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu* do autor Jorge Barbosa.

A literatura comparada em termos metodológico-teórico apresentou algumas dificuldades e Gerhard Kaiser levanta algumas suposições para tentar explicar as razões desse permanente atraso metodológico-teórico e que determinaram a sua evolução como disciplina:

“o facto de ela ter sido desde o princípio, embora inconscientemente, delineada como um meio de correção das filologias nacionais. Como forma complementar, desfasada no tempo, esta tinha ainda que se manter ligada às fraquezas metodológicas e aos erros teóricos de cada disciplina, cuja principal função era a da autoafirmação histórica das burguesias nacionais” (Kaiser, 1980: 20)

Segundo Tânia Franco Carvalho a literatura comparada conheceu grandes ganhos com o reforço teórico a partir da articulação com teoria literária:

“A articulação entre teoria literária e literatura comparada foi indispensável ao novo impulso que receberam os estudos comparativistas mostrando-se rentável e benéfica. Vários aspetos das relações interliterárias passaram a ser analisados sob outra ótica e com outros objetivos, os estudos sobre tradução ganharam uma posição central na reflexão comparativista e os trabalhos sobre historia literária tomaram novas direções.” (Carvalho, 2006: 73)

Este reforço teórico acabou por alargar os objetos de estudo comparatista, para outros campos de investigação comparatista, concedendo-lhe um vasto campo de atuação e que permitiu “ampliar os pontos de interesse e as formas de " pôr em relação", características da literatura comparada.” (Carvalho, 2006: 73)

Em relação ao objeto de estudo da literatura comparada Gerhard Kaiser acrescenta que: “o seu objeto não é, como nas filologias individuais, a literatura alemã, inglesa, francesa, etc., mas sim estas literaturas na sua relação prática, constituída através de diversos contactos, assim como de semelhanças tipológicas.” (*Idem*: 30)

O homem não vive isolado, é um ser social que parte sempre de uma referência para agir, ou seja, há sempre uma confrontação da sua experiência de vida com outras experiências para produzir novos conhecimentos, ideia reforçada por Tânia Franco Carvalho ao afirmar que “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano”. (Carvalho, 2006: 7). É nesta lógica que Paula Mendes Coelho afirma que:

“Devemos propor cada vez mais abordagens transversais, em que os textos sejam devidamente analisados formal e teoricamente, mas sobretudo e de novo historicamente contextualizados, em que o autor volte a ter uma voz enquanto sujeito de uma experiência de vida.” (Coelho, 2011: 292)

A literatura comparada não se resume a uma mera comparação entre duas ou mais obras, mas sim comparar no sentido de “compreender, através da confrontação complexa e em construções conscientes, o que há de particular em cada obra.” (Kaiser, 1980: 32) Para Tânia Franco Carvalho “quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares

de método” (Carvalho, 2006: 7). O que permite ao investigador compreender em plenitude e ter uma descrição mais exata do seu objeto de estudo:

“Pode-se dizer, então, que a literatura comparada *compara não* pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.” (Carvalho, 2006: 8)

Podemos afirmar a partir do que foi exposto acima, que o objetivo primordial não é só comparar por comparar, mas sim comparar como um meio para compreender melhor, “todo o investigador literário não irá apenas comparar, mas também reproduzir, analisar, interpretar, avaliar, generalizar, etc.” (Wellek, 1967 *apud*. Kaiser, 1980: 32) Ideia também defendida por Tânia Franco Carvalho ao afirmar que “a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim” (Carvalho, 2006: 8). Os autores Hegel e Gadamer citados por Gerhard Kaiser dão mesmo sentido a comparação “um método auxiliar secundário ao serviço de determinado conhecimento histórico,” (Kaiser, 1980: 32).

Segundo Helena Buescu pensar a literatura sem a comparação apresenta dificuldades tendo em conta que “não é possível ler se não comparativamente, ou seja, relacionalmente” (Buescu, 2001: 23). Opinião já avançada por George Steiner ao afirmar que “desde o seu início, os estudos literários e as artes de interpretação têm sido comparativos”. (Steiner, 1996: 152).

A autora Helena Buescu defende que a comparação em literatura “permite reconfigurar as relações entre os objetos produzidos, por um lado, e por outro os vários espaços e tempos dos humanos que diversamente os vivem” (Buescu, 2001: 20). A mesma autora aponta as três tendências que ela julga centrais para o entendimento das perspectivas atuais do comparativismo e mais genericamente, da comparação em literatura:

“uma tendência multidisciplinar (e mesmo eventualmente interdisciplinar); uma tendência interdiscursiva, visível no desenvolvimento das relações com áreas como a filosofia, a sociologia ou antropologia; uma tendência intersemiótica, que tenta colocar o fenómeno literário no quadro mais lato das manifestações artísticas humanas. (Buescu, 2001: 20)

Helena Buescu mostra a sua convicção de que é útil considerar a literatura comparada “como zona de tomada de consciência de fronteiras discursivas e disciplinares, tomada de consciência de que, de facto, não é possível ler senão comparativamente”. (*Idem*: 23) Segundo a mesma autora isso significa, que “toda a leitura é ativação, partilha e cooperação interpretativa” (*Idem*: 23).

Pensamos que o texto não surge do nada, tem sempre como referência outros textos, como bem viu Malraux citado por Salvato Trigo, ao afirmar que “a obra de arte não é criada a partir apenas da visão do artista, mas também a partir de outras obras” (Trigo, 1986: 25), mas isso não coloca em causa a sua originalidade, como afirma Mukarovsky citado por Tânia Franco Carvalhal “a obra literária não está isolada, mas faz parte de um grande sistema de correlações” (Carvalhal, 2006: 48). O que nos remete para a intertextualidade defendida por Julia Kristeva citada por Tânia Franco Carvalhal: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla.” (Carvalhal, 2006: 50). A intertextualidade “passou a significar um procedimento indispensável à investigação das relações entre os diversos textos. Tornou-se chave para a leitura e um modo de problematizá-la”. (*Idem*: 50).

Existe uma interdependência entre a intertextualidade e a comparação. A primeira atinge o seu objetivo através da última, que procura confirmar que uma obra é criada a partir do “diálogo” com outras obras, como podemos verificar na afirmação da autora Leyla Perrone-Moisés citada por Salvato Trigo:

“estudando relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras, a literatura comparada não só admite, mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos géneros e dos temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea” (Perrone-Moisés, 1985 *apud*. Trigo, 1986: 25)

É possível verificar essas relações intertextuais por exemplo nos escritores cabo-verdianos da geração de Jorge Barbosa com os escritores brasileiros. Existe uma ligação

forte entre estas duas literaturas, fruto das experiências semelhantes vivenciadas pelo cabo-verdiano e pelo brasileiro. A literatura produzida pela *Claridade* e a literatura brasileira podem ser estudadas comparativamente. O testemunho de Baltazar Lopes citado por Manuel Brito Semedo faz uma síntese da intertextualidade existente entre estas duas literaturas:

“Ora aconteceu por aquelas alturas nos caíram nas mãos fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro domo nostra*. Na ficção, o José Lins do Rego do *Menino de Engenho* e do *Bangué*, o Jorge Amado do *Jubiabá* e do *Mar Morto*; o Armando Fontes *d’Os Corumbas*, o Marques Rebelo do *Casa da Mentira*, que conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um “alumbramento a *Evocação do Recife* de Manuel Bandeira (...) em poesia, outro deslumbramento foi Jorge de Lima. Esta ficção e esta poesia revelava-nos um ambiente, tipo, estilos, formas de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e de menos contaminado. E pensamos: esta identidade ou quase identidade de subjacências não pode ser deturpação de escritores, ficcionistas e poetas, tratados; ela deve corresponder a semelhanças profundas de estrutura social, evidentemente com as correções que outros fatores, uns iniciais, outros supervenientes, exigem.” (Lopes, 1956 *apud*. Semedo 1995: 55)

Partindo deste pressuposto o comparatismo dentro dos estudos literários, permite-nos confrontar o mesmo tema em duas ou mais obras, tornando-se “o meio mais eficaz para nos conhecermos melhor e para sabermos o quanto devemos uns aos outros.” (Trigo, 1986: 33). O que demonstra que num mundo cada vez mais globalizado as práticas comparatistas no ensino da literatura são imprescindíveis como afirma Paula Mendes Coelho:

“A literatura comparada é necessária, urgente, para contrariar e combater os universos literários emparedados (...) Descobrir o “outro” numa relação de igualdade, entre o “observador” e o “observado” a partir de um olhar – do investigador do crítico – tão neutro e objectivo quanto possível, sondar fronteiras, territórios indecisos, todos as margens, é esse o contributo inegável e urgente que o comparatista pode e tem o dever de trazer” (Coelho, 2011: 293)

Portanto o comparatismo nos estudos literários é um meio de extrema importância, que ajuda na reflexão e na pesquisa a fim de compreender melhor os textos literários, uma

vez que “todo o sentido é comparativo e não há sentido que o não seja” (Buescu, 2001: 23).

3.2. Temas e Motivos

Procurar uma definição do conceito “tema”, torna-se necessário nesta dissertação, tendo em conta a relação existente entre o tema “mar” e os motivos subsidiários deste tema: a emigração, a saudade, o regresso etc.

O conceito de tema tem merecido a atenção dos estudiosos no sentido de se encontrar uma definição que melhor satisfaça: “durante decénios, debateu-se sobre a definição do conceito de tema, debate terminológico, mas também de metodologia,” (Machado e Pageaux, 2001: 90). Definir tema nos estudos literários não constitui tarefa fácil como podemos ver na afirmação de Philippe Chardin: “os problemas de terminologia, bem como as interferências entre o vocabulário da crítica literária e o da crítica artística, principalmente musical, complicam de sobremaneira qualquer reflexão sobre a noção de tema na literatura.”⁷ Na tentativa de apresentar uma definição deste conceito os autores Machado e Pageaux consideram que tema é “tudo aquilo que é elemento constitutivo e estruturante do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto” (Machado e Pageaux, 2001: 90).

A partir desta definição estamos convictos que o tema é um elemento fundamental na compreensão do sentido global de um texto ou de uma obra completa de um autor. Estudar o tema de um texto ou de uma obra permite-nos ter uma ideia geral da obra, e também nos leva a ter uma ideia da sociedade que serviu de inspiração para a criação literária do autor. A nossa afirmação é sustentada no que escreve Van Dijk citado por Salvato Trigo:

“... a análise dos textos exige uma aproximação pluridimensional. (...) os diferentes níveis devem ser relacionados uns com os outros, enquanto as estruturas, a diversos níveis, podem ser ligadas de várias maneiras aos diferentes tipos de contexto.

⁷Philippe Chardin “A Temática Comparatista” *In* Compêndio de Literatura Comparada, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004, p.167.

Assim, não se trata apenas de compreender e analisar o texto em si mesmo, mas, antes de mais nada, de compreender e de analisar as diferentes funções (ações, efeitos, etc.) do texto nesses contextos” (Van Dijk, 1983 *apud*. Trigo, 1986: 13)

Torna-se necessária a análise e compreensão de uma obra o conhecimento do contexto social. O contexto social “é composto por todos os fatores psíquicos e sociais que determinam sistematicamente a adequação dos atos de linguagem” (Trigo, 1986: 13). Os estudos comparativos não descuram do contexto social como podemos ver na afirmação de Tânia Franco Carvalhal:

“o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por “um ar de parecença” entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparatista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente.” (Carvalhal, 2006: 56).

O texto literário é criado a partir das experiências vividas o que leva Isabel Pires de Lima a afirmar que a literatura “constitui um arquivo da memória coletiva transformada artisticamente”⁸. O texto literário pode ser visto, como uma leitura das vivências de um determinado grupo social, e uma forma de perpetuar no tempo as tradições culturais, permitindo aos mais novos conhecer a forma de pensar de estar e de sentir dos seus antepassados. A memória faz presente as vivências das gerações passadas e a literatura como um lugar de memória coletiva tem esta função de preservar esta herança cultural. É importante conhecer o nosso passado para poder projetar o futuro.

Segundo Álvaro Machado e Daniel-Henri Pageaux “o estudo do “tema” não é propriedade intelectual do comparativismo. Tem as suas origens nos estudos de folclore, que utilizam igualmente o conceito de motivo.” Os mesmos autores afirmam que “o estudo do tema não diz respeito apenas à literatura, mas também à música, confundindo-se aí com motivo.” Para definir os dois conceitos os autores citados defendem que: “motivo é mais restrito que tema. Fala-se de “motivo” quando se trata dum elemento concreto, enquanto o

⁸ Isabel P. Lima “Ensinar (a gostar de literatura)” In *Diário de Notícias*, "Opinião", 11 de julho de 2011

“tema” se define pela sua abstração e pela sua generalidade” (Machado e Pageaux, 2001: 90).

A melhor forma de definir estes conceitos, segundo esses dois autores, é a partir da função destes elementos no interior do texto: “deverá chamar-se “tema” a tudo aquilo que é elemento constitutivo e estruturante do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto” (*Idem*: 90). Como já foi referido todo o texto se desenvolve à volta deste elemento central. E “motivo” segundo os mesmos autores “é tudo aquilo que precisamente não intervém no plano das estruturas, dos princípios organizadores do texto.” (*Idem*: 90).

Também o autor Raymond Trousson (1988) citado por Antônio Pires (2007) “atribui caráter mais geral ao motivo” enquanto o tema é o elemento “que estrutura, com sua especificidade, a obra literária.” Para este autor:

“o motivo, elemento não literário, mas delimitando algumas situações e atitudes fundamentais, é matéria da literatura. [...] O tema, cristalização e particularização de um motivo, é logo de início objeto literário, porque ele não existe senão a partir do momento em que o motivo se exprimiu numa obra, tornada ponto de partida de uma série de outras obras mais ou menos importantes, o ponto de partida de uma tradição literária.” (Trousson, 1988 *apud*. Pires, 2007).

Pela definição dos autores citados podemos afirmar que o tema é o elemento a que os autores dão mais importância, é o elemento central do texto ou da obra, tornando-se indispensável na análise de um texto ou de uma obra literária.

Da relação entre tema e motivo, a partir do que foi exposto acima, pode-se dizer que o tema surge de alguns motivos, segundo R. Trousson citado por Philippe Chardin “trata-se de um processo de particularização, e decantação, de cristalização de alguns motivos que se encontram na origem da constituição de um tema literário.”⁹

Segundo Álvaro Machado e Daniel-Henri Pageaux “a maior parte dos estudos de temas parte do princípio da existência inofismável de temáticas universais.” Contudo, questionam esta pretensa “universalidade”, duvidando que os temas universais tenham a mesma natureza e a mesma função em literaturas de países diferentes. Assim defendem que:

⁹ Philippe Chardin, “A Temática Comparatista” *In* Compêndio de Literatura Comparada, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004, p. 168.

“seria preferível não falar de temas universais, mas sim de elementos sem dúvida recorrentes, embora reinvestidos simbolicamente de diferentes maneiras, segundo o espaço cultural e momento histórico analisado.” (Machado e Pageaux, 2001: 91)

A título de exemplo, a temática do mar na literatura cabo-verdiana foi recorrente em várias gerações de escritores, e não teve a mesma expressão literária em todas essas gerações, mas sim mudou segundo a época histórica e política de cada autor, como podemos provar mais à frente no nosso trabalho.

Neste trabalho acreditamos que a investigação comparatista do tema universal, o mar, será importante para a compreensão da relação do poeta Jorge Barbosa e do homem cabo-verdiano com o mar, no contexto sociocultural de Cabo Verde, no momento histórico analisado.

3.3. Mitos

O mito acompanha o homem ao longo dos tempos nos vários grupos sociais, o homem como ser social tem a necessidade de recorrer ao mito como instrumento para auxiliar na compreensão de alguns fenômenos, “o mito é linguagem de um grupo, ele é uma forma de expressão social que conta, transmite e manifesta a afetividade profunda do grupo ele pode ser a projeção simbólica dos sentimentos fundamentais do grupo.” (Machado e Pageaux, 2001: 103) O que nos leva a pensar que cada comunidade ou sociedade possui seus mitos, que refletem a sua idiosincrasia perante as questões existenciais. Podemos afirmar que mito pode ser a forma encontrada pelo grupo de criar conhecimento para melhor compreender o que se passa à sua volta quando não dispõe de conhecimento baseado na experiência e observação.

Provavelmente em todas as sociedades o mito existe, ou tem a necessidade de existir tendo em conta a função que este assume, como podemos ver na afirmação seguinte:

“O mito é sempre um cenário mítico, no sentido em que conta sempre uma história. Narra e explica - conta – uma ordem do mundo (*ordo mundi*); mostra como se ordenam as relações do homem com o mundo, dos homens entre si, quer dizer, como se processa a formação dum grupo, duma sociedade. O mito é uma narrativa que dá sentido ao universo” (Machado e Pageaux, 2001: 102)

O mito surge geralmente nos momentos menos bons de uma sociedade. Na impossibilidade de encontrar uma resposta objetiva para certos fenômenos e acontecimentos a sociedade sente “um certo vazio” e “frustração”, e ao procurar uma explicação para o que aconteceu o grupo cria um mito. Assim, “Para preencher este *manque*, este vazio, a sociedade constrói e desenvolve um mito: um cenário mítico que vai dar sentido ao mundo, que vai recriar a vida do grupo, que vai dar coerência ao grupo.” (Machado e Pageaux, 2001: 100). Sendo assim podemos considerar o mito como uma produção de conhecimento necessária para o imaginário coletivo.

Os autores acima citados fazem referência à função que o mito desempenha no imaginário coletivo. Para eles o mito tem uma dupla função: “de um valor compensatório” e “de um valor homogeneizante” como podemos ver:

“O mito, história do grupo, vai ter uma dupla função: por um lado, a de um valor compensatório (o mito, no seu desenvolvimento, vai preencher o vazio, a frustração de tipo existencial); por outro lado, a de um valor homogeneizante: o mito vai fazer desaparecer as clivagens possíveis entre as diferentes componentes sociais, clivagens originadas por esse vazio, por uma situação traumática no plano nacional, e vai, como nova história que é, recompor uma história harmoniosa do grupo, recontar de outra maneira a história do grupo.” (Machado e Pageaux, 2001: 100)

A partir desta citação não restam dúvidas acerca da importância do mito na vida de um grupo, ou nação, uma vez que permite que estes se mantenham coesos nos momentos de adversidade, caso contrário poderiam perder a sua identidade de grupo ou de nação.

Na opinião desses autores “cada época tem os seus mitos privilegiados, a sua mitologia. Neste sentido, os mitos, como os temas, podem servir para enriquecer a história da literatura (Machado e Pageaux, 2001: 102). A título de exemplo, o mito da Atlântida contribuiu em grande parte para o enriquecimento da génese da literatura cabo-verdiana, mito esse que foi muito explorado por vários autores: “nasce na literatura de Cabo Verde com José Lopes em *Hesperitanas* e *Jardim das Hespérides* e com Pedro Cardoso numa obra com o mesmo nome, *Jardim das Hespérides e Hespérides*” (Santos, 1989: 85). Para Elisa Andrade “é a necessidade de preencher essa espécie de vazio, essa insatisfação histórica com a realidade mítica, que leva, esses autores a recorrer à fonte milenária que são os textos de Platão.”¹⁰ Ainda a mesma autora acrescenta que “as ilhas de Cabo Verde seriam, portanto, destroços desse misterioso continente. E porque filhas de Hespérides, chamar-se-iam hesperitanas ou Jardim das Hespérides.”¹¹

Manuel Brito Semedo também defende que o mito lendário e utópico segundo o qual as Ilhas de Cabo Verde são hespérides surgiu com os poetas José Lopes e Pedro Cardoso, ao afirmar que:

¹⁰ Elisa Andrade “Do Mito à História” In Cabo Verde Insularidade e literatura. KARTHALA, Paris, 1998, p. 19.

¹¹ *Idem*: 19

“A palavra hespérides tem duas entradas no dicionário: (i) as três filhas de Héspero (segundo a mitologia, este era filho de Aurora e de Atlas e foi transformado num planeta). Possuíam um jardim cujas árvores produziam frutos de oiro, que estavam guardados por um dragão de cem cabeças. Hercules entrou no jardim maravilhoso, matou o dragão e apoderou-se dos preciosos pomos; (ii) ilhas fabulosas do Atlântico, onde os Antigos colocavam o jardim dos pomos de oiro.

É a ressurreição da lenda da atlântida, “aas vastas extensões assim submersas”, restando apenas “estas nossas ilhas” e “as outras suas célebres irmãs (...) pelo Atlântico dispersas”. Continuando o paralelismo sugerido pela mitologia, as maçãs de ouro produzidas no jardim das Hespérides seriam a própria língua cabo-verdiana” (Semedo 1995: xvi)

Jorge Barbosa na obra *Arquipélago*, que faz parte do nosso *corpus* de análise, logo no primeiro poema intitulado “Panorama”, demonstra preocupação com as origens, possivelmente recorrendo ao mito da Atlântida ao questionar a origem das ilhas: “Destroços de que continente/ de que cataclismo, / de que sismos, e de que mistérios?...”. Para preencher o vazio que as origens das ilhas deixam, como diz Elsa Rodrigues dos Santos, “a sua interrogação traz-nos a sugestão da lenda da Atlântida, que se reporta a um continente que teria sido submerso, localizado por Paul Le Cour e outrora por Platão, no meio do oceano Atlântico” (Santos, 1989: 85). Através dessas interrogações Jorge Barbosa busca “os fundamentos míticos que alicerçaram a *mater* cabo-verdiana” (*Idem*: 86).

4. O mar na literatura Cabo-verdiana

“Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e a ele regressa: lugar de nascimentos, transformações e renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informais e as realidades formais, uma situação de ambivalências, que é a da incerteza, da dúvida, da indecisão, e que pode terminar bem ou mal. Daí que o mar seja ao mesmo tempo a imagem da vida e da morte” (Chevalier e Gheerbrant, 1982: 439)

O mar aparece ligado às várias histórias e mitos na literatura universal. Com efeito, as imagens do mar, ora relacionadas com a vida e a morte, ora relacionado com a viagem e o isolamento foram bem exploradas pelos escritores ao longo dos tempos.

A relação do homem das ilhas com o mar é cheia de contradições, o mar é responsável pelo isolamento das ilhas e ao mesmo tempo é ele que apela ao sonho, mas na viagem ao encontro da “terra prometida” o mar e as tempestades apresentam-se como um oponente que o homem tem de enfrentar para conseguir atingir o sonho.

Na literatura cabo-verdiana o mar foi muito tematizado por vários autores em períodos literários distintos. Sendo Cabo Verde um arquipélago, com condições climáticas adversas, com longos períodos de seca, a água não só fascina como também sempre alimentou o imaginário do homem cabo-verdiano.

A convivência permanente com o espaço insular obrigou o sujeito poético a explorar este cenário em várias perspetivas ao longo dos tempos. Dina Salústio afirma que “em atitude quase mítica entrega-se desarmado e só à insularidade, relação e sentimentos, que constituem um autêntico maná, matéria prima para a escrita.”¹² De facto, o mar ao longo dos tempos tem-se mostrado essencial para a literatura cabo-verdiana, a relação do homem com este cenário, nomeadamente com o espaço insular, tem dado origem a várias

¹² Dina Salústio, “Insularidade na Literatura Cabo-verdiana” *In* Cabo Verde Insularidade e Literatura, Edições KARTHALA, Paris, 1998, p. 33

obras literárias. A relação do sujeito poético com este ambiente mereceu a atenção da autora Elsa Rodrigues dos Santos ao afirmar que:

“O relacionamento do sujeito poético com o espaço ilha, deriva aquilo a que podemos denominar insularidade, isto é o sentimento de solidão, e nostalgia que o ilhéu experimenta face ao isolamento e aos limites da fronteira líquida que o separam do mundo, criando-se um estado de angústia e de ansiedade, constituindo-se como núcleo fundador ideológico de toda uma estética poética” (Santos *In* Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura cabo-verdianas - Atas 2010: 195)

Na esteira das duas autoras acima, Manuel Veiga também defende que “ se a cultura de um povo é devedora da sua história, o mesmo se pode dizer quanto ao ambiente geográfico onde o mesmo se encontra inserido”¹³, e é este ambiente, o mar, as estiagens e a insularidade, que constituem o cenário considerado determinante para a formação da identidade cabo-verdiana, como já dizia o poeta Ovídio Martins “o mar transmitiu-nos a sua perseverança/ Aprendemos com o vento a bailar na desgraça”¹⁴.

A obra poética do autor Jorge Barbosa, que vamos analisar neste trabalho, é devedora do ambiente em que o autor se encontrava inserido. Segundo Elsa Rodrigues dos Santos, na obra literária de Jorge Barbosa “existe um núcleo ideológico irradiador de uma estética poética, derivado do relacionamento do sujeito poético com o espaço- ilha.” (Santos, 1989: 59).

A partir de textos de autores cabo-verdianos de gerações diferentes procuraremos mostrar como o tema “mar” foi recorrente e com perceções muitas vezes diferentes.

Na poesia “Mar Eterno” de Eugénio Tavares, o mar aparece para o sujeito poético como responsável pela separação da pessoa amada, então ele dirige-se ao mar para exteriorizar todo o sofrimento provocado por esta separação, mas também para ter notícias da pessoa amada, que foi para terra longe numa viagem marítima. Este texto reporta-nos para os textos da época medieval, mais propriamente as cantigas de amigo, barcarolas, nas quais a donzela se dirigia ao mar para saber notícias do amigo, como podemos ver no seguinte poema:

¹³ Manuel Veiga, Jorge Barbosa e a Poética do Ambiente” *In* Claridade A Palavra dos Outros, Instituto da Biblioteca Nacional, Praia, 2010, p.777.

¹⁴ Ovídio Martins, “Flagelados do vento Leste” *In* Antologia Temática de Poesia Africana: na noite grávida de punhais. Sá da Costa Editora, Lisboa, 1977, p. 46.

“Oh mar eterno sem fundo sem fim
Oh mar das tórbidas vagas oh! Mar
De ti e das bocas do mundo a mim
Só me vem dores e pragas, oh mar

Que mal te fiz oh mar, oh mar
Que ao ver-me pões-te a arfar, a arfar
Quebrando as ondas tuas
De encontro às rochas nuas

Suspende a zanga um momento e escuta
A voz do meu sofrimento na luta
Que o amor ascende em meu peito desfeito
De tanto amar e penar, oh mar

Que até parece oh mar, oh mar
Um coração a arfar, a arfar
Em ondas pelas fráguas
Quebrando as suas mágoas

Dá-me notícias do meu amor
Que um dia os ventos do céu, oh dor
Os seus abraços furiosos, levaram
Os seus sorrisos invejosos roubaram ”... (Eugénio Tavares)

O mar como motivo de separação da pessoa amada também aparece retratado na música cabo-verdiana. Assim sucede na composição “*Resposta de segredo cu mar*”, do compositor B. Leza. O eu lírico também se dirige ao mar, que aparece personificado na composição, para saber novas da pessoa amada que foi para terra longe. O mar também é encarregue de levar e trazer notícias da pessoa amada:

“Resposta de segredo cu mar
(B. Leza)

Um staba xintadu mim só
Conde mar soma cu se aga ta rola
Logo xintidu correm na bo

Resposta do segredo com o mar
(B. Leza)

Eu estava sentado sozinho
Quando o mar apareceu com a sua água rolando
Logo pensei em ti

<i>Mim longi di bô sem sabe cma um staba</i>	Eu longe de ti sem saber como estavas
<i>Mar staba ta bem manso ta sana</i>	O mar vinha manso acenando
<i>Cu ar di portador di nova sabe</i>	Com ar de portador de boa nova
<i>Ma t ô ki um otdjal um tchora</i>	Mas quando o vi chorei
<i>Um tchora sodade di bô nha cretcheu</i>	Chorei de saudade de ti meu amor
<i>Pamo ess mal teneb longe di mim</i>	Por causa da dor de estares longe de mim
<i>Um anima um pidi nhor Deus na céu</i>	Animei e roguei a Deus no céu
<i>Pa trazem bô pa nha dor tem fim</i>	Para te trazer e assim acabar a minha dor
<i>Mar sta ta levabo um flor di esperança</i>	Mar levava-te uma flor de esperança
<i>Entchido di sodade cum tem di bô</i>	Cheia da saudade que tenho de ti
<i>Que pa bô gordá pa nos lembrança”</i>	Que guardes para nossa lembrança
(...)	

Na obra de Jorge Barbosa é possível ver uma certa dualidade no tratamento da temática mar. O mar aparece, por um lado, como prisão que impede o homem de realizar o sonho de conhecer outras paragens e fugir das condições adversas encontradas no arquipélago, como podemos ver no seguinte poema:

“O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
Cercando
prendendo as nossas Ilhas, ...”

(Barbosa. “Poema do Mar”, *Ambiente* 2017:29-30)

Mas, o mar também aparece como um convite à saída para outras paragens, aparece como caminho, uma porta para a salvação do cabo-verdiano perante os problemas vividos no arquipélago; ele representa a saída para o homem encontrar outras oportunidades de

vida e de se realizar. Esta temática do evasão pode ser confirmada no seguinte poema do poeta Jorge Barbosa:

“-Ai o mar
que nos dilata sonhos e nos sufoca desejos!
Ai a cinta do mar
que detém ímpetos
ao nosso arrebatamento” ...
(Barbosa. “O Mar”, *Arquipélago* 2017: 34-36)

O “evasão” na literatura cabo-verdiana, segundo Manuel Brito Semedo teve a sua origem na “palavra-tema Pasárgada que foi criada pelo poeta brasileiro Manuel Bandeira, para simbolizar uma terra mística para onde desejava escapar para realizar as suas fantasias hedonistas” (Semedo, 1995:72).

Manuel Bandeira citado por Manuel Brito Semedo regista assim o surgimento dessa palavra e da sua utilização como tema do poema:

Vi pela primeira vez esse nome Pasárgada quando tinha os meus dezasseis anos e foi num autor grego. (...) Esse nome Pasárgada, que significa campo dos persas ou tesouro dos persas, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de *L'invitation au voyage* de Baudelaire. Mais de vinte anos depois, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo da doença saltou-me de súbito do subconsciente esse grito estapafúrdio: vou-me embora p'ra Pasárgada! (...). Alguns anos depois, em idêntica circunstância de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da vida besta. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; também porque parece que nele soube transmitir a tantas outras pessoas a visão e promessa da minha adolescência- essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho o que a vida madrasta não nos quis dar. (Bandeira, 1984 *apud*. Semedo, 1995: 72)

O invasionismo foi a forma encontrada pelos poetas da geração da *Claridade* para denunciar a situação de abandono a que o Arquipélago se encontrava, através do sonho eles mostravam que era possível viver em outras condições bem diferentes.

O mar, como convite à saída para outras paragens, para fugir das condições adversas do arquipélago, aparece também em Osvaldo Alcântara, pseudónimo de Baltasar Lopes, apesar de estes dois autores pertencerem à mesma geração, são os fundadores da revista literária *Claridade*:

“Mares
em que navios esguios
chamam para as aventuras sempre moças
dos destinos inatingíveis,
palácios adormecidos em aristocráticos silêncios...
Eu sou o cavaleiro moço
que todos os dias parte em cruzada
para as miragens dos poentes do mar
meu cavalo de vagas altas
tem nas pernas a insatisfação da distancia!...”

(*In* Antologia Temática de Poesia Africana: na noite grávida de punhais pag 33-35).

Na esteira dos dois poemas acima, no poema “Dois Poemas ao Mar” da autoria de Arnaldo França, que é um poeta do movimento literário *Certeza*, o sujeito poético é confrontado com o apelo do mar no sentido de sair a procura de realização dos sonhos.

Partir,
deixar a ilha tão pequena
que o vento nómada
bafeja
e as ondas do mar
rodeiam.

Fugir,
buscar terras mais ao longe
onde a alma errante
caminhe.

Partir,

deixar na terra o canto duma morna
que o emigrante
recorde.

Fugir,
deixar no mar o sulco branco
da hélice do vapor,
que as vagas mansas
apaguem

(...) (*In Certeza*, nº 1, 1944 *apud.* Ferreira, 1975: 138)

A saída para terra longe, respondendo ao encanto exercido pelo mar, leva-nos à temática da saudade, que foi retratada tanto na literatura como na música cabo-verdiana. A saudade, sentimento relacionado com a vontade de regressar a terra natal, tem a sua origem no mar que é razão da separação do sujeito poético da terra e das pessoas queridas, tal como ocorre na morna “*Mar é morada de sodade*” de Armando Pina:

“Mar é morada de sodade
(Armando Pina)

Mar é morada de saudade
(Armando Pina)

Num tardinha na camba di sol
Mi t'andá na pr'aia de Nantasqued
Lembra'n praia di Furna
Sodade frontán 'm tchorá

Numa tardinha ao por do sol
Passeando na praia de Nantasqued
Lembrei da praia de Furna
Saudade afrontou-me chorei

Mar é morada di sodade
El ta separá-no pa terra longe
El ta separá-no d'nôs mãe, nós amigo
Sem certeza di torná encontrá”
(...)

Mar é morada de saudade
ele leva-nos para terra longe
ele separa-nos da nossa mãe e amigos
sem a certeza de voltar a encontra-los

O mesmo mar que impele a saída do cabo-verdiano para terra longe a procura da realização dos sonhos é aquele que também permite o regresso tão desejado e esperado. Antes da partida o homem das ilhas sonha com a terra longe, cenário que muda com a partida, uma vez que a terra natal povoa o imaginário de quem parte e desperta nele a nostalgia e o desejo de regressar, como podemos ver na morna “*Mar Azul*” de Francisco Xavier (B. Leza) que veio a ter uma interpretação sublime da cantora Cesária Évora:

“Mar Azul”	Mar Azul
(B. Leza)	(B. Leza)
<i>O... Mar, detá quitinho bô dixam bai</i>	O...Mar, deita-te quietinho e deixa-me ir
<i>Bô dixam bai spiá nha terra</i>	deixa-me ir ver a minha terra
<i>Bô dixam bai salvá nha Mãe... Oh Mar</i>	deixa-me ir cumprimentar a minha mãe...oh mar
<i>Mar azul, subi mansinho</i>	Mar azul, suba mansinho
<i>Lua cheia lumiam caminho</i>	Lua cheia ilumina-me caminho
<i>Pam ba nha terra di meu</i>	Para eu ir a minha terra
<i>São Vicente pequinino, pam bà braçá nha cretcheu...</i>	São vicente pequenino para eu abraçar meu amor
<i>Oh... Mar, anô passá tempo corrê</i>	Oh... Mar, ano passa e o tempo corre
<i>Sol raiá, lua sai</i>	Sol raia e a lua sai
<i>A mi ausente na terra longe... O Mar</i>	eu ausente em terra longe... O Mar

Manuel Lopes, na coletânea de contos *O Galo Cantou na Baía* faz referência ao mar no conto com o mesmo nome. O mar é perspectivado positivamente neste conto, aparece conotado com a origem da morna, género musical que identifica o povo cabo-verdiano:

“Foi depois dum baile no Tolentino, na madrugada, durante o passeio solitário para os lados da Cova da Inglesa, com o vento do mar a bater-lhe na cara e as ondas fosforescentes ali a dois passos reboando na areia invisível, «como Vénus na sua luminosa aparição, parte onda parte mulher ... ou meia morna”. “Digo e torno a dizer a vocês que morna veio do mar, cada vez tenho mais a certeza. Toada de morna é toada de mar. Minhas mornas têm um gostinho salgado – dizem – pois se é lá no mar onde nascem que as vou buscar ...” (Lopes, 1998: 17)

No poema intitulado *Flagelados do Vento Leste*, de Ovídio Martins, o mar configura-se como um parceiro do homem cabo-verdiano que se encontrava entregue a sua própria sorte na luta para a sobrevivência:

(...)
O mar transmitiu-nos a sua perseverança
Aprendemos com o vento a bailar na desgraça
As cabras ensinaram-nos a comer pedras
Para não perecemos
(...)

Somos os flagelados do Vento Leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos
e as vozes solidárias que temos sempre
escutado
são apenas
as vozes do mar
que nos salgou o sangue
as vozes do vento
que nos entranhou o ritmo do equilíbrio
e as vozes das nossas montanhas
estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do Vento Leste”

(Ovídio Martins, “Flagelados do Vento Leste”)

Gabriel Mariano no poema “Nada nos Separa” assume uma atitude antievasionista perante aos apelos do mar. Convém realçar que o evasãoismo está definido pelo “querer partir e ter que ficar”.

Está partida realizada no plano intelectual foi a forma que os escritores da *Claridade* encontraram para denunciar a situação de abandono a que o arquipélago se encontrava. Muitos interpretaram esta atitude dos escritores da *Claridade* em retratar o evasãoismo de alienação, mas nos seus textos eles demonstram que esta saída não era um virar as costas aos problemas sociais. Segundo Onésimo Silveira “O drama da evasão pretendeu ser a tradução intelectual do problema da emigração do ilhéu” (Silveira, 1963: 12). Gabriel Mariano ao assumir uma atitude antievasionista demonstra a sua predisposição para lutar contra a dominação colonial e tudo o que afligia o povo cabo-verdiano na altura.

Quem tem palavras para ouvir
que ouça.
Quem tem comida para comer
coma!

Eu por mim,
Devolverei ao mar

os sonhos verdes
que me fez sonhar.

Não amigos, já vos disse não!
Mais uma vez minha resposta é
Não!
Não insistam mais!
Que me importa o doce
Que só a mim me dais?
Nada me separa dos meus companheiros!...
(*In Cabo Verde*, nº 109, 1958 *apud.* Ferreira, 1975: 163)

O mar aparece personificado no poema “Mar!” do poeta Arménio Vieira. Segundo Manuel Ferreira “o mar já não é o mesmo mar do Jorge Barbosa, mar da tragédia, o mar da pesca de baleia ou o mar lírico ou o mar feito grades da prisão, mas, sim, um mar anímico identificado com o povo” (Ferreira, 1975: 127)

Mar! Mar!
Mar! Mar!
Quem sentiu o mar?
Não o mar azul
de caravelas ao largo
e marinheiros valentes
Não o mar de todos os ruídos
que ondas
que estalam na praia
Não o mar salgado
dos pássaros marinhos
de conchas
areia
e algas do mar
Mar!
Raiva angústia
de revolta contida
(*In Seló*, nº 2, 1962 *apud.* Ferreira, 1975: 214)

Germano Almeida, escritor contemporâneo, prémio Camões 2018, também não ficou indiferente ao mar azul que o rodeia, o qual acaba por influenciar a sua escrita, apesar de não lhe atribuir a mesma importância simbólica das gerações anteriores. Ele faz referência ao mar no seu romance *Praia de Lajinha*. A ação deste romance decorre sobretudo na praia de Lajinha, principal espaço de lazer da cidade do Mindelo, em que um grupo de banhistas se encontra habitualmente para aproveitar o mar azul e a tranquilidade da praia para colocar em dia vários assuntos da vida quotidiana. Nesta obra podemos ver que a relação do homem com o mar é bem diferente do que verificámos anteriormente, o mar e a praia aparecem como um espaço de lazer e convívio:

“foi ali dentro do mar que conheci a Pantcha, precisamente na manhã em que dois larápios da cidade lhe levaram toda a roupa que tinha deixado na praia e também algum dinheiro ganho naquela noite, deixando-a a tiritar de frio até à chegada da Sulena que lhe emprestou a toalha na qual se embrulhou para atravessar a cidade a caminho de casa” (Almeida, 2004: 14)

Como podemos verificar o mar influenciou de uma forma geral a literatura de todas as gerações de escritores cabo-verdianos, e em particular a literatura de Jorge Barbosa que é objeto de estudo da nossa dissertação. O facto de Cabo Verde ser formado por ilhas, torna o contacto com o mar inevitável, o mar impõe fronteiras ao homem das ilhas criando nele não só a ideia de isolamento, de estar num espaço insular, como também cria nele a vontade de se aventurar no desconhecido, conhecer outros horizontes para além do mar. O mar acaba por ter um papel “dicotómico”, transforma a ilha num espaço fechado, que em alguns casos pode ser vista como uma prisão, mas também é a porta que abre para outras paragens, liga as ilhas entre si, e as ilhas ao mundo:

“A ilha, pela sua própria definição, contém uma dicotomia na perspectiva espacial: fechado/aberto; dentro/fora, instaurando outras oposições a nível psíquico. O ilhéu, encerrado nos seus limites, vê uma possibilidade de exteriorização. Isso significa que as oposições espaciais ligam-se à problemática do conhecimento, da procura da outra dimensão do ser.” (Santos, 1989: 59).

A ilha tem um valor simbólico que varia com a história e as sociedades. Na literatura cabo-verdiana a ilha é carregada de oposições, é vista como um “ninho”, e o

cabo-verdiano mesmo longe carrega com ele sempre a vontade de regressar a este “porto seguro”, também é vista como um espaço fechado, o que leva o homem a lutar contra a natureza, muitas vezes hostil, para sobreviver.

Ao fazer uma viagem breve pela história das ilhas cabo-verdianas é possível verificar que na época dos descobrimentos as ilhas eram vistas pelos descobridores como um ambiente selvagem e ameaçador onde os marinheiros estavam sujeitos a vários perigos, desde a possibilidade de a embarcação chocar-se contra os recifes costeiros até as invasões dos inimigos. Nas primeiras décadas do século XX a ilha aparece nos textos literários como o símbolo de isolamento e de prisão, em que o mar é visto como uma barreira que desafia o homem a toda hora a sair para outras terras. A vida no arquipélago era muito dura, em termos políticos as ilhas encontravam-se abandonadas, não foram feitos investimentos para alavancar a economia e para agravar mais a situação a escassez de chuvas provocava anos de secas que eram dramáticos para o povo das ilhas. Os que ficavam na ilha sofrendo todas as privações sentiam-se numa prisão, castigados pela vida madrastra.

Hoje as ilhas de Cabo Verde são vistas como um paraíso, um *locus amoenus*, com as facilidades de ligação, ninguém já se sente isolado e a conjuntura interna permite uma vida tranquila sem medo das estiagens e das instabilidades económicas de outrora, também é vista como um paraíso para os turistas que responde aos apelos das paisagens exóticas.

Esta descrição da ilha como paraíso vamos encontrá-la ao longo da literatura como podemos ver na afirmação de Mónica M. Serpa Cabral:

“Na verdade, as ilhas sempre foram, ao longo da literatura, descritas como lugares edênicos, espaços idealizados, quer por apresentarem paisagens belas, configuradoras do *locus amoenus*, quer por possibilitarem a ideia de uma sociedade humana perfeita ou a concretização suprema dos sentidos e do amor” (Cabral, 2010: 102)

Assim sucede no poema “Ilha” de Jorge Barbosa em que na descrição que faz das ilhas de Cabo Verde, mas precisamente as ilhas do Sal e de Santiago ganham contornos de paraíso.

A interação do homem cabo-verdiano com o mar e o espaço ilha está na origem do eterno dilema, “ter de partir e querer ficar”, muito bem explorado nos textos literários, e que está patente nos seguintes versos:

“Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter que ficar!”

Este drama “ter de partir e querer ficar” que acompanha cabo-verdiano ao longo da sua história, também foi retratado na música cabo-verdiana, e o poeta e compositor Eugénio Tavares retrata este dilema na morna intitulada “*Morna de Despedida*”

Morna de Despedida
(Eugénio Tavares)

Morna da Despedida
(Eugénio Tavares)

Hora de bai

Hora de ir

Hora de dor

Hora de dor

Ja 'n q'ré

Já não quero

Pa el ca manchê!

Para ele não amanhecer

De cada bez

A cada vez

Que 'n ta lembrâ,

Que eu lembro

Ma 'n q'ré

Eu quero

Ficâ 'n morrê!

Ficar eu morro

Hora de bai

Hora de ir

Hora de dor!

Hora de dor

Amor,

Amor

Dixa 'n chorâ!

Deixa-me chorar

Corpo catibo,

Corpo cativo

Bá bo que é escrabo!

Para ti que é escravo

Ó alma bibo,

Ó alma viva

Quem que al lebabo?

Quem que já te levou?

Se bem é doce,

Se vir é doce

Bai é maguado;

ir é magoado

Mas, se ca bado,

Mas se não fora

Ca ta birado!

Não virá

Podemos reforçar a ideia de que o “mar” e a “ilha” têm um importante papel na construção do imaginário literário dos escritores cabo-verdianos de uma forma geral, e em particular no imaginário literário de Jorge Barbosa. O tema do “mar” não pode ser dissociado do tema da “ilha” num país insular. Esses elementos estão presentes na poética de Jorge Barbosa tal como afirma Elsa Rodrigues dos Santos:

“sendo o meio físico fundamental na constituição orgânica e na formação psíquica do Homem, a ilha e o mar, ao nível do universo poético barbosiano, adquirem a perspectiva de protagonistas, estabelecendo, na sua relação com o sujeito poético, a dramatização do texto.” (Santos, 1989: 68)

O homem cabo-verdiano, tal como procuramos demonstrar nos textos tem uma relação complexa com o mar e o espaço ilha, o que faz com que o mar seja recorrente na literatura cabo-verdiana. O cerco exercido pelo mar confere à ilha características de prisão, por outro lado fascina e dilata o sonho de aventuras em terras com melhores condições de vida, mas acaba por ser um oponente para o homem das ilhas na materialização dos seus objetivos uma vez que muitas aventuras terminam com naufrágios. O mar está tão presente que acaba por marcar a maneira de estar na vida do povo cabo-verdiano.

5. Análise das obras *Arquipélago*, *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu*

Podemos afirmar que o mar moldou a sensibilidade poética do autor Jorge Barbosa, e a sua escrita desenvolve-se à volta da interação do sujeito poético com o espaço insular. Sendo ele cabo-verdiano não poderia ser diferente, como afirma Dina Salústio: “qualquer tentativa de abordar a literatura cabo-verdiana implica entrar, por opção ou por descuido, no cenário que moldou e marcou Cabo Verde”¹⁵, isso pressupõe que os escritores cabo-verdianos estão virados para o ambiente agreste das ilhas marcado por anos de estiagem e secas cíclicas e o mar, que isola e ao mesmo tempo liga as ilhas ao mundo.

Para Manuel Brito o autor Jorge Barbosa é “o anunciador, com a publicação de *Arquipélago*, em 1935, da viragem para os problemas da terra,” podemos afirmar que é a tomada de consciência na literatura cabo-verdiana dos problemas do homem das ilhas, ideário assumido posteriormente pelo “movimento claridoso” (Semedo, 1995: 41). Jorge Barbosa na sua primeira obra literária, *Arquipélago*, lança um olhar sobre os problemas do homem cabo-verdiano e a sua luta pela sobrevivência num ambiente insular com um clima agreste.

A ilustração da capa do livro *Arquipélago*, o primeiro livro de poesia de Jorge Barbosa, remete-nos para os elementos recorrentes na sua poesia: as ilhas do arquipélago de Cabo Verde, o mar e um barco. Estes elementos estão interligados, logo não se pode fazer um estudo comparativo do elemento mar nas três obras do autor Jorge Barbosa: *Arquipélago*, *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu* sem dar conta da relação entre esses outros elementos.

Da análise das três obras do autor podemos verificar que a poesia de Jorge Barbosa se desenvolve por conseguinte à volta do mar, da Ilha e do barco. Como afirma a autora Elsa Rodrigues dos Santos:

¹⁵ Dina Salústio, “Insularidade na Literatura Cabo-verdiana” *In* Cabo Verde Insularidade e Literatura, Edições KARTHALA, Paris. p. 33

“sendo o espaço físico fundamental na constituição orgânica e na formação psíquica do homem, a ilha e o mar, ao nível do universo poético barbosiano, adquirem a perspectiva de protagonistas, estabelecendo, na sua relação com o sujeito poético, a dramatização do texto. A ilha concêntrica, girando à volta de si mesma, saturando-se no seu isolamento, ganha dinâmica no confronto com o mar. Por um lado, prolongamento da terra, ponte entre as várias ilhas, formando um só corpo- o arquipélago. Por outro, o mar bravo, oceânico, caminho do emigrante e sonho da distância” (Santos, 1989: 68)

Manuel Veiga vai na linha da autora acima citada ao afirmar que “o homem é, de algum modo, o que é o seu espaço. Este nunca é neutro, nunca é indiferente para com tudo o que o rodeia”¹⁶. Ideia reforçada também por Gabriel Mariano que vê a insularidade “como fator determinante de um certo tipo de mentalidade e condicionador de um estilo” (Mariano, 1964: 9). Como podemos ver o poeta Jorge Barbosa identifica-se com o espaço ilha e com tudo o que a define, a luta do poeta acaba por ser a luta da ilha contra as injustiças e a crueldade do ambiente que aprisiona e sufoca. Existe um comprometimento do eu lírico com a sua terra e com o povo das ilhas, acabando por se assumir como o porta voz desta sociedade.

Ao analisar as obras poéticas, “*Arquipélago*”; “*Ambiente*” e “*Caderno de um Ilhéu*”, podemos afirmar que o autor faz uso de uma linguagem carregada de simbolismo, tal como afirma o autor Manuel Veiga “é conhecendo as virtudes da linguagem simbólica que o poeta Jorge Barbosa, na sua poetização, faz largo uso dos seus recursos.”¹⁷

Conhecendo o contexto social e político em que viveu poeta Jorge Barbosa, podemos afirmar que esta linguagem simbólica foi motivada pelo contexto social e político da época, ele e os escritores cabo-verdianos da sua geração tinham de dizer as coisas indiretamente, usando uma linguagem figurada, caso contrário corriam o risco de ir para a prisão. Tal como afirma o autor Manuel Veiga: “no “ambiente” em que viveu Jorge Barbosa, não era possível dizer tudo, sobretudo quando não se desejar ter, para além da “prisão” da “ilha”, outra prisão dentro da ilha.”¹⁸

¹⁶Manuel Veiga, “Signos e Símbolos em Jorge Barbosa: Uma Tentativa de Análise Semiológica” *In* Claridade, Edição IBNL, Praia, 2010, p.717

¹⁷ *Idem*, p. 717

¹⁸ *Idem*, p. 705

Podemos abrir um parêntese para brevemente falar do contexto social e político no sentido de proporcionar uma visão mais completa do espaço e do homem cabo-verdiano. Cabo Verde viveu uma situação política de colonizado de 1462 até 1975, altura em que ganha a sua autonomia como estado livre e independente.

A forma como a exploração inicial da terra foi feita, concentrada no cultivo de algodão, sisal e a criação de cabras contribui para um empobrecimento rápido do pouco solo cultivável. A agricultura era praticamente o único meio de subsistência, mas as terras pertenciam na maior parte dos casos aos grandes proprietários e o agricultor chefe de família cultivava a terra em sistema de renda em que metade da colheita ia para o proprietário. A exploração do sal marinho, a pesca e o comércio eram feitos pelos europeus. O clima é marcado pela sua aridez com longos períodos de seca em que ou chove muito pouco, o que não dá para garantir a colheita, ou chove torrencialmente o que acaba por agravar a situação de vida do homem cabo-verdiano.

Toda essa situação económico social e política descrita no parágrafo anterior obrigava o homem das ilhas a emigrar para países como São Tomé, Senegal, Angola, Brasil, Argentina, América, Portugal e outros países europeus.

Simone Caputo Gomes faz uma síntese do sistema de administração colonial ao afirmar o seguinte:

“Tendo como objetivo fundamental a exploração económica dos povos colonizados, Portugal, principalmente a partir da instauração do fascismo, procurou limitar o mais possível o desenvolvimento económico das colónias pelo receio da formação de uma burguesia local forte que levasse à criação de um movimento pró-independência. Acresce-se a este o facto de que, em consequência do atrofamento de suas forças produtivas resultante da política económica do regime fascista, a Metrópole estava incapacitada de investir naquele desenvolvimento.” (Gomes, 1993: 24)

Jorge Barbosa é um escritor que surge no contexto de censura Salazarista, “é a época em que Salazar vai criar a P.V.D.E. (Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado: 1936) e o Estado Novo (1933): são proibidos os partidos políticos, é restabelecida a censura” (Hanras, 1995: 47). Nessa altura os escritores cabo-verdianos souberam usar com mestria uma linguagem figurada, carregada de simbolismo e metáforas, como forma de driblar a censura, e isto, não só lhes permitia criticar e denunciar as condições de vida do homem das ilhas, como também evitar qualquer repressão.

O mar na poesia de Jorge Barbosa é percebido de várias formas. Acreditamos que essa diversidade de sentido é fruto da vida quotidiana do poeta nesse ambiente insular, tal como diz Dina Salústio: “ter de conviver com o mesmo espaço sempre parado, forçando a necessidade de explorar até à exaustão o realismo do cenário envolvente com os seus variados contornos e roupagens.”¹⁹ Também Manuel Veiga não ficou indiferente à diversidade de sentido do mar na poesia de Jorge Barbosa:

“o signo mar é extremamente rico de sentido, na poesia de Jorge Barbosa. Por mais que se diga dele, há sempre algo que fica para ser dito. Talvez seja a sua grandeza (consubstanciada na poesia de Jorge Barbosa) que torna inesgotável a sua caracterização.” (Veiga *In Claridade*, Edições IBNL, Praia, 2010, p. 727)

O primeiro livro de Jorge Barbosa, *Arquipélago*, inicia-se com o poema “Panorama”, que nos remete para as origens das ilhas e busca das raízes do homem cabo-verdiano. Neste poema o sujeito poético procura desvendar, através de uma série de perguntas de retórica, o mistério que é a origem das ilhas de Cabo Verde e as suas raízes. Pensamos que o sujeito poético ao indagar sobre a origem e a identidade destas ilhas estará a indagar sobre a sua própria origem e identidade como homem cabo-verdiano, tal como diz o autor Manuel Veiga “O poeta que se interroga sobre a cosmogonia das ilhas acaba por dar-nos a sua Cosmologia.”²⁰

Pensamos que este poema faz alusão ao mito milenário da Atlântida que já foi referido no nosso trabalho. No poema “Panorama”, o “mar”, “elemento determinante no imaginário cabo-verdiano, sempre presente na vida dos ilhéus”²¹, estabelece uma relação familiar, podemos assim dizer, com as ilhas, que continuam esquecidas de todos, mas que conta sempre com a companhia fiel do mar.

“Destroços de que continente,
de que cataclismo,
de que sismos,
de que mistérios?...”

¹⁹ *Idem*, p. 34

²⁰ *Idem*, p. 778

²¹ *Idem*, p.20

Ilhas perdidas
no meio do mar,
esquecidas
num canto do mundo
- que as ondas embalam,
maltratam,
abraçam...
montes à lérta
implorando ao céu!
Montes à lérta
nos seus contorcionismos estáticos
de séculos
rindo para o oceano gargalhadas
que ficaram apenas começadas,
sorrindo para o céu esgares enigmáticos
como que evocarem o drama milenária...”

(Barbosa, “Panorama”, in *Arquipélago* :9-11)

Apesar da relação que o mar estabelece com a ilha seja familiar, ela é carregada de contradição, paradoxal mesmo, é o mar que determina o isolamento, agravando assim as condições de vida, mas por outro lado faz-se presente, tanto para embalar com o cântico das suas ondas batendo nos rochedos, como para ligar as ilhas ao mundo retirando-as assim do isolamento.

Essa relação do sujeito poético com o mar permite-nos traçar a idiossincrasia do autor Jorge Barbosa e da sociedade cabo-verdiana. O homem das ilhas vive permanentemente com a inquietação insular. O mar é o elemento provocador desta realidade, tanto cria o sentimento de prisão como também é visto como o caminho para a saída do isolamento.

Confrontando o poema “Panorama” com o poema “Ecos” do livro *Caderno de um Ilhéu*, verificamos que o mar acaba por ter a mesma função, aparecendo como a única voz solidária do povo das ilhas, é a voz que acalenta, ajudando com a sua melodia a esquecer as aflições vividas no dia a dia, mas também traz inquietações para o sujeito poético como podemos ver:

“Prefiro os rumores noturnos da ilha
o rugido do mar rolando nas praias
a música enervante do nordeste
assobiando nas frestas das janelas
certa canção que eu já sei de cor.

porque o silêncio e a calma das horas solitárias
da noite sem vento e do mar sem ondas
como que fazem despertar/
no fundo do meu ser
o eco silencioso
de vozes suspensas
e de aflições esquecidas...”

(Barbosa, “Panorama”, in *Caderno de Um Ilhéu* :19)

O homem das ilhas aprende a conviver com o mar, a ponto de transformá-lo num aliado na luta diária para a sobrevivência.

Na esteira dos dois poemas anteriores o poema “Môça-velha” do livro *Ambiente o mar* é próximo do homem, é um mar que abraça, contribuindo de certa forma para minimizar os seus problemas existenciais.

“faz-me pena o teu ar humilde de pobre môça,
Com esse pobre vestido de chita surrada,
Sem um fio doirado de pôr ao pescoço...

E advinho-te o sonho de ires ao baile carnavalesco
Que há brevemente no Grupo Flôr do Mar,
Vestida de rainha,
Com botinas côr de prata,
Uma coroa de sete-estrelas...
A túnica de lantejoulas brilhando
Como o luar nas águas da baía...
Pobre pretinha,
Vejo-te já toda bonita no baile dos teus sonhos...

Também te vejo,
mais tarde,

preta velha com varizes nas pernas,
por causa do cansaço da vida,
por causa dos partos incessantes! /
Vejo teus filhos,
uns na faina da terra,
outros na labuta do mar,
e tuas filhas, à noitinha,
abraçadas aos namorados no escuro do Cutelo..."

(Barbosa, "Môça-velha", in *Ambiente*: 25-26)

Nesse poema o mar cumpre um papel social, ao surgir relacionado com a pesca ele contribui para o sustento do cabo-verdiano. Como é sabido as ilhas eram frequentemente assoladas por longos anos de secas e o pouco que a terra produzia era insuficiente. Neste sentido podemos dizer que o mar é tido como um aliado do homem cabo-verdiano na luta para a sobrevivência. O mar aparece ligado a uma imagem positiva, amiga do pescador.

Este mesmo mar que protege e acalenta, aliviando a dor das pessoas como vimos nos três poemas acima analisados, em outros contextos assume uma imagem negativa, que em muitos casos ganha contornos trágicos.

O mar sufoca o homem das ilhas a ponto de funcionar como uma prisão, tornando-se um espaço de "clausura e isolamento". É este sentimento em relação ao mar que o sujeito poético passa no poema intitulado "Poema do Mar" publicado no livro *Ambiente*, o poeta apresenta o mar como um drama e um desassossego para o homem das ilhas e também prisão para as ilhas.

"O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
cercando
prendendo as nossas Ilhas,
desgastando as rochas das nossas Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores,

roncando nas areias das nossas praias,
batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloçando os barquinhos de pau que vão por estas costas...”

O Mar!

Pondo rezas nos lábios,
Deixando nos olhos dos que ficaram
A nostalgia resigna de países distantes
Que chegam até nós nas estampas das ilustrações
Nas fitas de cinema
E nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da terra!

(Barbosa, “Poema do Mar”, in *Ambiente*: 29-30)

O convívio do homem das ilhas com o mar não é visto de uma forma pacífica, pressupõe um conflito de forças desencadeadas pela prisão das ilhas. O cerco e a prisão exercidos pelo mar em relação às ilhas acabam por se refletir no espírito do homem das ilhas criando sentimentos de abandono, isolamento e de pequenez.

No poema acima estão presentes os perigos do mar no verso “pondo rezas nos lábios”. Neste contexto de perigo eminente o pescador revela a sua religiosidade. De facto, perante a sua vulnerabilidade, ele sente a necessidade de apelar a proteção divina através da oração. Segundo Mónica Serpa Cabral “o mar revoltoso implica uma luta contra a natureza e um desafio viril, em que, muitas vezes, o homem acaba vencido.” (Cabral, 2010: 224) . O mar aparece como um inimigo do pescador, assim:

“O espaço, sobretudo o mar, e o estado do tempo, configuram um cenário extremamente ameaçador, um *locus horribilis* em que os elementos da natureza, sofrendo um processo de animalização, parecem unir forças para aniquilar o ofício do pescador” (Cabral, 2010: 248)

Assim também no poema “Paquete”, tal como no poema anterior o mar configura-se como uma prisão para as ilhas, provocando no espírito das pessoas que as visitam sentimentos de pena e desolação. Como afirma Elsa Rodrigues dos Santos “a ilha olhada de fora para dentro, a terra árida, pouca vegetação, devastada por crises cíclicas de estiagem, apresenta-se desoladora ao estrangeiro” (Santos, 1989: 71). A própria reação de

quem vem de fora perante as condições de vida no arquipélago leva as pessoas que se encontram na situação de isolamento a pensar que em outras paragens tudo é diferente, isto acaba por estimular ainda mais a vontade de sair para outras paragens. É precisamente esta visão que o sujeito poético deixa transparecer no poema:

“O paquete fundeou no porto
Mas é só por momentos
Porque depressa partirá outra vez

No rosto dos passageiros talvez transpareça/
o cansaço das viagens,
mas quem chega da terra sente
na gente
e nas coisas do barco
a sugestão convidativa
das perspectivas longínquas...

As pessoas que passam no vapor
levarão um sentimento de pena
da ilha prisioneira do mar
e uma desolada lembrança da cidade pequena
que estiveram a ver do tombadilho
(...)”

(Barbosa, “Paquete”, in *Ambiente*: 46-47)

Na esteira do poema “Paquete” e do poema “Poema do Mar” surge o poema “Prisão” onde o sujeito poético reforça a ideia de insularidade conotando a ilha com uma prisão, mas onde o que delimita esta prisão é o mar, podendo nós dizer que as grades desta prisão e a porta para se sair dela é o mar. É importante aqui destacar a dualidade semântica que o mar carrega (prisão/liberdade) e que na opinião de Elsa Rodrigues dos Santos “traduz a consciência da insularidade, intelectualizada pela própria poesia” (Santos, 1989: 60)

“Pobre do que ficou na cadeia,
de olhar resignado,

a ver das grades quem passa na rua!

Pobre de mim que fiquei detido também
na ilha tão desolada rodeada do Mar!...

...as grades também da minha prisão!”

(Barbosa, “Prisão”, in *Ambiente*: 48)

Diante desta prisão que a ilha impõe pouco o homem pode fazer, mas esta paisagem desolada influencia o estado de espírito, o que leva o povo das ilhas a ter características peculiares. Confrontado este poema com o poema “Brasil”, podemos ver que a condição de insular acaba por moldar o homem das ilhas. O sujeito poético nesse poema aponta algumas semelhanças entre Cabo Verde e Brasil, mas ele faz questão de salientar que o povo do Brasil não se encontra numa situação de prisioneiro do mar, tal como acontece com o povo de Cabo Verde:

“(...

Você, Brasil, é parecido com a minha terra.

As secas do Ceará são as nossas estiagens,
com a mesma intensidade de dramas e renúncias. /

Mas há uma diferença, no entanto:

é que os seus retirantes
têm léguas sem cota para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar...

(...

Eu gosto de Você, Brasil.

Você é parecido com a minha terra.

O que é que lá tudo é à grande

E tudo aqui é em ponto mais pequeno...

(...

(Barbosa, “Você Brasil”, in *Caderno de um Ilhéu*:57-60)

Os poetas cabo-verdianos da década de trinta identificaram-se com a literatura produzida no Brasil, mas propriamente no Nordeste Brasileiro. Cabo Verde “encontra no

Brasil as semelhanças geográfica e histórica, com as mesmas questões de ordem social, linguística e cultural.” (Semedo, 1995: 66) E este facto terá levado os escritores cabo-verdianos a adotar os escritores nordestinos como modelo a seguir. Como afirma Manuel Lopes citado por Manuel Brito Semedo:

“O modernismo brasileiro com Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, que exerceram forte influência em Cabo verde, com Jorge de Lima, Mário de Andrade e outros, deixaram o terreno adubado, onde a resposta do Norte, quero dizer, os romancistas do Nordeste, lançariam as raízes abundantes da prodigiosa brasilidade moderna com romances do povo e da terra, precisamente aquele povo e aquela região tão lembrados quando se pretende evocar certas afinidades entre cabo-verdianos e brasileiros” (Lopes, 1959 *apud*. Semedo, 1995: 77)

No poema “O Mar” a ideia de prisão aparece associada a ideia de liberdade, o sujeito poético permanentemente carrega no seu espírito esta contradição. Podemos afirmar que estas duas ideias inseparáveis, prisão e liberdade fazem parte da rotina do homem das ilhas, por um lado temos aqueles que carrega o sonho de partir, mas tem de ficar no cárcere da ilha, “a insularidade, essa camisa de forças que tolhe os gestos e nos fecunda o peito em propostas de evasão, que não nos facilita a viagem”²², e por outro lado temos aqueles que conseguem ultrapassar as fronteiras da insularidade, “o destino das ilhas, marcado pelo mar que cada dia, cada ano aumenta mais, cada vez mais, com ausências, amigos que chegam e partem”²³, o que faz com que permaneça sempre presente o grande dilema do povo das ilhas “querer partir e ter de ficar, querer ficar e ter de partir”. A condição de insular está na base dessa inquietação, segundo a autora Mónica Serpa Cabral:

A condição insular assenta, na tensão entre uma força centrípeta, que atrai para a ilha e desperta o amor pela terra natal, e uma força centrífuga, resultante das condições adversas do meio, da pequenez do espaço, do isolamento, da amplidão de horizontes, da carência de recursos e do ciclo de catástrofes que assolam constantemente as ilhas (Cabral, 2010: 119)

²² *Idem*, p. 41

²³ *Idem*, p. 41

Para aqueles que ficam na ilha, o mar impele sempre para a partida, “a pequenez do espaço em confronto com o mar agiganta os sonhos, agudiza a saudade do desconhecido e do longe” (Santos, 1989: 61). O mar postula-se como solução de todos os problemas vividos na ilha, é este o sentimento que o sujeito poético exterioriza no poema “Mar”:

Ai o mar
que nos dilata sonhos e nos sufoca desejos!

-aí a cinta do mar
que detém ímpetos
ao nosso arrebatamento
e insinua
horizontes para lá
do nosso isolamento!
Convite da viagem apeteçada
que se não faz...

Ai o cântico
Estranho
do Atlântico,
que não se cala em nós!...

Talvez um dia
Inesperado remoinho de águas
Passe
Borbulhante envolvente,
Alguma onda mais alta
Se levante...

(Barbosa, “O Mar”, in *Arquipélago*: 34-35)

Também no poema acima está presente a contradição Prisão/liberdade, que aliás é recorrente nos poemas de Jorge Barbosa. Além de dilatar os sonhos de liberdade do homem das ilhas com a sua imensidão, o mar é visto como uma verdadeira prisão, impedindo a realização dos sonhos.

A presença do estrangeiro é motivo de grande alegria para o homem das ilhas, que acaba por ser mais um pretexto para sonhar com o mundo exterior. No contexto insular tudo o que estabelece a ligação com o exterior fascina.

Perante a passividade das ilhas, onde nada acontece é do mar que vem novidade, é o mar que proporciona um certo dinamismo às ilhas adormecidas. E as novidades que chegam do mar agudizam ainda mais a vontade de partir para a terra longe. Segundo Elsa Rodrigues dos Santos “a presença do estranho torna-se motivo de devaneio para o poeta e suas personagens” (Santos, 1989: 71), assim sucede no poema “Ilha”, do livro *Ambiente*:

“Quando o barco alemão vem à ilha
há um sobressalto íntimo de contentamento
na gente que fica a ver de terra.

À varanda da antiga casa do largo
olhos curiosos em direção ao mar
atravessam as lentes baças
de velho binóculo do tempo dos piratas...”

(...)

O barco parte depois
e a Povoação resignada
retoma a monotonia habitual...

(Barbosa, “Ilha”, in *Ambiente*: 10-11)

O mar postula-se como a única solução para o homem das ilhas, impulsionando-os a procurar em outras paragens a materialização dos sonhos que a ilha sempre lhe negou. Na sequência dessa saída o mar aparece associado a evasão, emigração e a saudade.

No poema “Rua Morta” da obra *Ambiente*, o mar aparece personificado, funciona como o canto das sereias impulsionando os homens das ilhas a aventurarem-se em outros horizontes, ou a viverem eternamente com esta vontade de se aventurarem no desconhecido. Esta necessidade de saída nasce da impossibilidade de realização dos sonhos devido as condições adversas do meio envolvente. A saída é vista como um caso de sobrevivência, o que leva muitos a não “olhar os meios para atingir os fins.” Segundo Dina Salústio “o fantasma da partida transforma-se em bússola de asas seguras que leva o

escritor poeta, ilhéu, só, por esse mundo fora.”²⁴ O sujeito poético tanto sonha com a partida que acaba por ter delírios como podemos verificar:

“(…)
Sinto chamar
mais além
talvez por mim...
pst!...
Êsse apêlo que sai da noite
não sei bem
se vem
de muito longe...

Chega dos lados do mar
um silvo de sereia
e passa a cambalear
o vulto
de um bêbado qualquer

Ouço ainda chamar timidamente
O mesmo apêlo insistente...
Pssst!...”

(Barbosa, “Rua Morta”, *in Ambiente*: 21-22)

A partir deste texto podemos ver que o homem das ilhas é constantemente estimulado a sonhar com o mundo que continua depois do horizonte, fugindo assim dos muros formados pelas montanhas imponentes e mar imenso, e Jorge Barbosa sendo cabo-verdiano o evasãoismo está patente na sua poesia. Perante os condicionalismos do espaço insular nasce no espírito do homem das ilhas uma incessante vontade de partir para outras terras como pretexto de realização pessoal e social, a saída pressupõe um regresso para ajudar a família e investir na terra natal, depois de ser bem-sucedido. Segundo a autora Elsa Rodrigues dos Santos:

²⁴ *Idem*, p. 37

“A viagem (quer física quer onírica) institui-se como motivo fundamental da poética insular, o evasionismo no poeta além de ser uma atitude estética é também fruto de uma conceção universalista da existência, aliada a um humanismo, de acordo com os seus ideais cristãos de amor ao próximo e de fraternidade entre os homens, e uma forma de passar a insularidade” (Santos, 1989: 62)

É consenso geral que a vontade de sair do arquipélago faz parte da essência do homem das ilhas, e para explicar esta vontade de partir para novos horizontes, o autor Fernando Monteiro apresenta uma outra possível causa recorrendo às origens étnicas da população cabo-verdiana, que é fruto de uma mestiçagem racial:

“O cabo-verdiano é impelido á evasão por causa da sua génese. Cabo verde não era povoado quando cá chegaram os portugueses. É óbvio que os portugueses que se instalaram nas ilhas sempre viviam certamente, na ânsia de voltar a Portugal embora acabassem por ficar. Os africanos trazidos da Costa, também viviam na ânsia de voltar à imensidão do continente. Ora, o cabo-verdiano é fruto da miscigenação entre os portugueses e os africanos. Isto quer dizer que está no sangue esta ânsia, esta vontade de partir e ter que ficar, este querer ficar e ter que partir.” (Monteiro, *in* “Fragmentos” nº 11/15 de Dezembro de 1997)

Assim sucede no poema “Irmão”, da obra *Ambiente*, o mar com o seu condão impele o homem das ilhas a sair e a aventurar-se no desconhecido.

“Cruzaste Mares
na aventura da pesca da baleia
nessas viagens para América
de onde às vezes os navios não voltam mais

tens as mãos calosas de puxar
as enxárcias dos barquinhos no mar alto
viveste horas de expectativas cruéis
na luta com as tempestades;
aborreceu-te êsse tédio marítimo
das longas calmarias intermináveis.

(...)

A Morna...
parece que é o eco em tua alma

da voz do Mar
e da nostalgia das terras mais ao longe
que o Mar te convida...”

(Barbosa, “Irmão”, in *Ambiente*: 17-19)

Esta aventura no mar nem sempre correu da melhor maneira, Jorge Barbosa citado por Elsa Rodrigues dos Santos dá conta de casos de aventuras que tiveram fim trágico:

“Nessas viagens habituais pelo o arquipélago e pela a costa africana, não foram poucos os navios cabo-verdianos que para sempre desaparecem, nem foram poucos também os que nessas rotas da América ficaram sepultados não se sabe em que profundezas do mar” (Barbosa 1953 citado por Santos, 1989: 73)

Confrontando o Poema “Irmão” com o poema “Poema do Mar” anteriormente analisado não deixa dúvidas que o mar se configura como um espaço trágico e que o homem se apresenta como um ser vulnerável que precisa da proteção divina, por isso que em situações de perigo eminente recorre sempre a essa proteção.

No poema “Irmão” os perigos do mar estão relacionados com a pesca de baleia, o sujeito poético nesse poema recria uma realidade que marcou a história dos cabo-verdianos. Muitos cabo-verdianos perante as situações adversas do arquipélago tentaram a sorte na pesca da baleia, e neste contexto muitos emigraram para os Estados Unidos.

Ainda no poema “Irmão” o sujeito poético personifica o mar identificando-o a sua voz nas melodias da morna. Convém ressaltar que a morna é um género musical genuíno cabo-verdiano e é tida como a voz da alma do povo cabo-verdiano, é através deste género musical que o cabo-verdiano exterioriza as alegrias, as tristezas e a saudade, “o homem cabo-verdiano miticamente transpõe a dor coletiva para o sofrimento individual”(Ferreira, 1975: 69) A morna não é só a alma do cabo-verdiano, mas também as suas melodias e ritmo podem ser visto como a alma do mar, como podemos ver no último estrofe do poema “Irmão”.

O poema acima leva-nos a crer, que para o sujeito poético o mar está presente na alma do povo das ilhas e que a voz do povo acaba por ser a própria voz do mar fazendo ecos em suas almas. Podemos falar numa simbiose perfeita entre o mar e o cabo-verdiano resultante desse contacto permanente.

O mar na literatura de Jorge Barbosa não só aparece como um personagem que convida o homem das ilhas a sair, também aparece como o elo entre as ilhas e o mundo, permitindo assim ao sujeito poético sair da situação de prisioneiro da ilha.

Assim sucede no poema “Serei Marinheiro” da obra *Caderno de um Ilhéu*, no qual o sujeito poético almeja aventura-se no mar

“Serei marinheiro.
Navegarei
 nos rumos longínquos
de todos os mares.

Em cada porto terei
uma briga e uma amante.
E em cada braço e no peito
uma tatuagem

Serei marinheiro.
Quando vier a tempestade
não haverá tremor
nos músculos da minha face
nem nas minhas mãos
firmadas no leme.
Nem meus olhos fecharão
à luz dos relâmpagos.”

(Barbosa, “Serei Marinheiro”, in *Caderno de um Ilhéu*: 35-36)

Cabo Verde sempre foi e continua sendo um país de emigração. Pelo facto de ser formado por ilhas relativamente pequenas, o mar está sempre visível exercendo a toda a hora o seu encanto sobre os homens. Por outro lado a localização geográfica das ilhas ocupando uma posição estratégica no meio do oceano atlântico permitiu um contacto com outros povos desde bem cedo, “o Porto Grande atraía as companhias carvoeiras inglesas por volta da metade do século XIX” (Hanras, 1995: 25), e esse contacto com outros povos acaba por despertar esta incessante vontade de conhecer o mundo que existe atrás do

horizonte, sem esquecer que Cabo Verde foi povoado e colonizado pelos portugueses que deixaram de herança esse gosto pela aventura no mar.

Tal como no poema “Serei Marinheiro” no poema “O Rapaz de Leme” no livro *Ambiente* o sujeito poético também percebe o mar como caminho para fugir do cárcere da ilha. A partir da primeira estrofe do poema “O Rapaz de Leme”, onde o sujeito poético chama a atenção da personagem que vai ao leme, é possível fazer uma confrontação com os poemas “Poema do Mar” e “Irmão” anteriormente analisados, que retratam os perigos representados pelo o mar

“vai atente o rapaz do leme
A olhar para dentro da noite

E o barco seguindo,
Com as velas todas folgadas,
Seguindo direito
À luzia distante do farol do porto

Nem uma voz.
O ruído apenas
da quilha deslizando no mar
e do chap-chap às vezes das águas no costado.

Ou então das posturas em tom de segredo
Do violão que alguém toca nos lados da proa.”

(Barbosa, “O Rapaz do Leme”, in *Ambiente*: 33-34)

Na esteira do poema acima o mar continua com a mesma configuração no poema “Emigrante” do livro *Caderno de Um Ilhéu*. Neste poema o mar é o lugar onde o sujeito poético pretende depositar as suas lágrimas e deixar tudo para trás, ou seja, a saída aparece como o fim do sofrimento originado pela situação precária das ilhas e pela ausência de solução dos problemas:

“quando eu puser os pés no vapor que me levará,
quando deitar os olhos para trás
em derradeiro gesto de desprendimento,
não chorem por mim

Levarei as minhas lágrimas comigo
mas ninguém as verá
porque as deixarei cair pelo caminho
dentro do mar

levarei já nos olhos a miragem de outras paragens
que me esperam,
já no coração o bater forte
de emoções que eu pressinto.”

(Barbosa, “Emigrante”, in *Caderno de um Ilhéu*: 37-38)

A mesma comparação pode ser estabelecida com poema “Regresso” do livro *Caderno de um Ilhéu*, onde o sujeito poético reforça as razões da saída para outras paragens, “onde a vida é uma grande promessa e um grande deslumbramento”. O mar é o caminho que leva a terra prometida segundo o sujeito poético. Esta saída do arquipélago é uma resposta a situação de isolamento tal como afirma a autora Dina Salústio: “a insularidade, que origina, por reação, uma das facetas mais marcantes do islenho, a evasão, que perspetiva em contornos de fuga para o encontro com outros seres.”²⁵

“Navio aonde vais
deitado sobre o mar

Aonde vais
levado pelo vento?
Que rumo é o teu
navio do mar largo?

Aquele país talvez
onde a vida
é uma grande promessa
e um grande deslumbramento!

Leva-me contigo
navio.

²⁵ *Idem*, p. 36

Mas torna-me a trazer!”

(Barbosa, “Regresso”, in *Caderno de um Ilhéu*: 41)

No poema acima a vontade de sair, de se aventurar em outras paragens para a realização dos seus sonhos, aparece associada à vontade de regressar um dia à terra natal, tal como afirma a autora Elsa Rodrigues dos Santos “É, afinal, a incompletude da partida, não só contida nas deambulações do poeta como da maioria dos que partem, transportando as suas tradições para onde vão, mas pressupondo, antecipadamente, o regresso” (Santos, 1989: 82). O homem das ilhas só sai porque a ilha não lhe oferece condições para a realização dos sonhos. Quando o homem sai leva dentro dele a saudade da terra natal, como canta a música cabo-verdiana *Sodade* imortalizada na voz da nossa diva Cesária Évora: “*Quem mostra' bo esse caminho longe? / Quem mostra' bo esse caminho longe? / Esse caminho pra São Tomé/ Sodade sodade/ Sodade/ des nha terra, São Nicolau...*”. Como a saída só acontece devido aos condicionalismos do território e não por uma rejeição, o emigrante não corta os laços com a terra mãe.

Voltar para matar a saudade da terra natal, dos familiares e amigos é um objetivo, mas o regresso também nasce de uma necessidade de dar uma satisfação aos que ficaram na terra, mostrar que eles foram bem-sucedidos. Muitos que não foram sucedidos, mesmo carregando o sentimento de saudade, não regressam a terra por vergonha.

Na poesia de Jorge Barbosa, a partida para terra longe é vista como uma tábua de salvação perante os condicionalismos climáticos, económicos, sociais e político, mas o sujeito poético realiza a viagem só no plano mental, segundo a autora Elsa Rodrigues dos Santos “se as estruturas sociais e económicas das ilhas não conseguem responder as necessidades da população que se vê obrigada a emigrar, a viagem para o sujeito poético não passa de um estado onírico” (Santos, 1989: 85). Essa viagem realizada no plano literário está patente no poema “Navio” no livro *Caderno de um Ilhéu*, em que o sujeito poético perante os rumores do mar acaba por idealizar esta saída do arquipélago:

“Nas longas noutes da ilha
quando escrevo os meus versos
e sinto o rumor do mar
e do mundo ao longe

desenho então irresistivelmente
um pequeno navio
na folha de papel,
como se fosse
outro poema também,
o mais nostálgico de todos...

pequeno navio que nunca partiu
que nunca partirá!”

(Barbosa, “Navio”, in *Caderno de um Ilhéu*: 45)

Assim também sucede no poema “Navegação” do livro *Caderno de um Ilhéu*, o sujeito poético perante os limites impostos pelo o mar sabe que “atrás dos horizontes o mundo continua” a emigração torna uma necessidade, e esta necessidade de sair acaba por ser não só do sujeito poético, mas sim de todos aqueles que se encontra em situação de insatisfação perante uma terra madrastra.

“Capitão dos mares!
nem sabia navegação

Nem viagens
nem naufrágios
nem essas
mulheres que há
nos cais acenando.
(...)
Sabia somente
que atrás dos horizontes
o mundo continua”

(Barbosa, “Navegação”, in *Caderno de um Ilhéu*: 49)

O homem das ilhas acredita que a solução dos seus problemas está além do horizonte, a saída é movida pelo sonho, como dizia o poeta António Gedeão “o sonho comanda a vida”, diante disso é impossível travar esta vontade de sair para terras que

possuem todas as condições para proporcionar-lhe uma melhoria de vida, mesmo que esta viagem venha a ficar só no plano mental como aconteceu com Jorge Barbosa.

O sonho na poesia de Jorge Barbosa era necessário dado o contexto social e político da época, tinha de criar mecanismos para fugir a forte censura que o poder colonial exercia, e perante este contexto foi a forma encontrada para denunciar a situação de vida do povo nessas ilhas abandonadas, que os aprisionava numa vida cheia de privações. O autor Manuel Veiga aponta como uma das razões do sonho do poeta “a visão que tem do “ser” e do “existir” é maior do que a amplitude ou a abrangência visível e sensível da sua experiência quotidiana.”²⁶ O reconhecimento da pequenez do espaço ilha, que confina ao isolamento e a uma vida cheia de privações leva o sujeito poético a “fugir” da terra madrastra para outras terras cheias de oportunidades.

O poeta tem sensibilidades que o ser comum não tem, ele está atento aos problemas sociais, procura retratá-los nos textos ajudando assim o povo a refletir e alargar os seus horizontes. A literatura é grande educadora dos sentimentos na medida em que desperta no leitor sensibilidade que lhe permite interagir melhor com o próximo, mas também estar atento as questões sociais, políticas, económicas, enfim atento ao mundo que o rodeia. A literatura ajuda-nos a desenvolver uma atitude crítica e nunca conformista com situações de injustiça, desigualdade, tudo o que coloca em causa a humanidade.

O mar aparece como motivo de separação da pessoa amada, como sucede no Poema “O Destino Ignorado” da obra *Ambiente* onde o sujeito poético questiona o paradeiro da pessoa amada que o mar impeliu a sair da terra natal na procura de melhores condições de vida, é possível fazer uma confrontação com o poema “Regresso”, tendo em conta o sentimento de saudade neles presente, apesar que no poema “O destino Ignorado” a saudade ganhar uma outra dimensão, este sentimento surge de um amor interrompido pela viagem, está mais relacionado com o sofrimento amoroso.:

“Onde pára
a que morava do outro lado da cidade,
acola do alto de onde se via o mar?
Que haverá
acontecido à menina trigueira que lia romances,
à tarde, assentada à porta da casa?

²⁶ *Idem*, p. 706

Eu passava por lá
para vê-la,
mas ela
não levantava os olhos do livro que tinha na mão
ou se os levantava
era apenas
para ver de soslaio
o panorama marítimo da baía

Que é feito daquela a quem eu fiz
os meus sonetos românticos,
os meus sonetos bem medidos
com as rimas melhores que escolhia
no “Dicionário de Rimas”
e depois copiava no meu caderno de capa de cartão vermelho?
(...)

(Barbosa, “O destino Ignorado”, *in Ambiente*: 31-32)

Tal como no poema anterior, também no poema “Carta para Manuel Bandeira” do livro *Caderno de um Ilhéu* o mar aparece como motivo de separação, do amigo que vive no outro lado, o mesmo mar que liga também separa:

“nunca li nenhum dos teus livros.
Já li apenas
a Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus.
Nem te conheço
porque a distância é imensa
e os planos das minhas viagens nunca passaram
de sonhos e de versos.
nem te conheço
mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada.
E a impressão do teu olhar vagamente triste
fez-me pensar nessa tristeza
do tempo em que eras moço num sanatório da Suíça

Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,
tu me preocupas, Manuel bandeira,

meu irmão atlântico.

(Barbosa, “Navegação”, in *Caderno de um Ilhéu*: 53-54)

A análise transversal do tema mar nas obras *Arquipélago*, *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu* permite-nos compreender como o poeta Jorge Barbosa lidou com a insularidade e leva-nos a perceber a idiossincrasia do povo cabo-verdiano no contexto histórico, social e político da época, o que prova que a literatura comparada através da confrontação de obras, como foi o nosso caso, possibilita uma compreensão mais ampla da complexidade da realidade que lhes deu origem.

O “mar” foi um tema desenvolvido por vários autores cabo-verdianos, logo poderíamos fazer um estudo desse tema em outros autores, mas na literatura de Jorge Barbosa o referido tema ganha uma certa especificidade. Como afirma Ondina Ferreira no prefácio da obra *Arquipélago* o “mar é a divisa maior, a síntese das sínteses da poesia lírica de Jorge Barbosa”. Ele retratou como ninguém o mar na sua poesia, podemos afirmar que toda a poesia dele é resultado da sua vivência no espaço insular, está enraizada nas vivências e experiências humanas no espaço insular. O sentimento provocado pelo isolamento, que ele exprime nos poemas, representa o sentimento coletivo do homem das ilhas, logo pegar no tema “mar” que é transversal nas três obras estudadas permite-nos conhecer a vivência do cabo-verdiano da época e parte da memória colectiva do seu povo.

6. Estratégias para ler melhor a partir do que se analisou

A formação de bons leitores, com competência literária capazes de interagir ativamente com o texto, passa por desenvolver hábitos de leitura, o que pode ser visto como uma condição indispensável para esta atividade. Tal como afirma António Prole, o hábito de leitura é fundamental:

“quer para a emergência da apetência leitora e instrumento facilitador da aprendizagem do código, das habilidades linguísticas básicas, quer para o desenvolvimento de competências específicas mais complexas que levam à compreensão e à análise crítica do escrito como porta de acesso à informação” (Prole, s/d:1)

Criar hábitos de leitura, fazer com que os alunos adquiram o prazer de ler, é uma tarefa que não pode ser reservada somente à escola, apesar desta ter um papel fundamental, “é por intermédio dela que o indivíduo se habilita formalmente àquela competência” (Nina, 2008: 108). A escola sendo o espaço onde se dá a aprendizagem formal da leitura, deve definir estratégias para a promoção da leitura desde o pré-escolar, tornando-a numa atividade mais significativa. É preciso encontrar as melhores estratégias para o ensino da literatura, criando assim na sala de aula momentos de leitura que cativem os alunos despertando neles o gosto pela leitura espontânea e prazerosa. Tal como afirma a autora acima citada, o que se espera da escola “é que ela crie leitores que leiam por prazer e não só por dever, de modo que esta prática perdure e não decresça no tempo.” (Nina, 2008: 108)

Estamos cientes de que a leitura feita só por dever e com pressão da avaliação termina no contexto escolar, e leva com que muitos alunos depois de terminarem os estudos e entrarem no mundo laboral, deixam simplesmente de ler por prazer.

É preciso criar no contexto escolar atividades de promoção da leitura, não só na sala de aula como na biblioteca escolar, que é um dos espaços privilegiados na promoção da leitura, uma vez que ela pode proporcionar um encontro agradável do aluno com uma variedade de obras literárias. A biblioteca escolar permite aos alunos, que não têm nenhum

contacto com o livro no contexto familiar, uma aproximação dos livros, minimizando assim as diferenças sociais entre eles. Segundo Isabel Feliz A. Nina a instituição escolar “ao disponibilizar os mesmos recursos a todos os seus utilizadores, independentemente da sua proveniência social, pode compensar as desigualdades.”

“a verdadeira biblioteca, aquela que serve a sociedade de informação e conhecimento, promove a democratização da sociedade, bem como os seus valores fundamentais; contribui para a formação geral do indivíduo, quer no que diz respeito à sua personalidade, quer ao desenvolvimento de competências; fomenta o hábito leitor e cumpre as funções informativa, educativa, cultural e recreativa.” (Declaração política da IASL sobre Bibliotecas Escolares 1993 *apud*. Nina, 2008: 122)

A biblioteca escolar é considerada um meio privilegiado de acesso a informação e de promoção da leitura, para além de garantir através da sua organização e funcionamento um contacto afetivo do leitor com o livro, o bibliotecário poderá proporcionar atividades de animação de leitura que permitirão ao leitor adquirir o gosto pela leitura literária que perdure no tempo e que os alunos continuem a usar bibliotecas públicas mesmo depois do secundário, “quanto mais fomentado for o espaço da biblioteca escolar , maior será a utilização posterior da biblioteca pública” (Nina, 2008: 120).

Para que isso aconteça, os bibliotecários das bibliotecas escolares não podem funcionar como meros responsáveis dos livros e de manter o silêncio na biblioteca, mas sim animá-la no sentido de aproximar os alunos dos livros, informá-los sobre a existência de livros suscetíveis de os interessar e promover o gosto pela leitura.

A animação e a informação referidas acima constituem estratégias de extrema importância para desenvolver o gosto para a leitura, uma vez que as atividades de animação desenvolvidas na biblioteca aproximam o aluno do livro, o que aumenta a possibilidade de ele encontrar um livro que o satisfaça, levando-o a procurar mais livros do mesmo autor ou do mesmo género para ler, abrindo assim caminho para uma aventura no mundo imaginário das letras. Por outro lado, a informação permite saber da existência de uma variedade de obras que abordam temas diversos. Segundo Christian Poslaniec “isto é importante, uma vez que as crianças que não gostam de ler estão convencidas de que não existem livros capazes de as interessar.” (Poslaniec, 2006: 18)

Aos pais, neste processo de criar hábitos de leitura, é-lhes reservado um papel de extrema importância, uma vez que esses devem permitir o contacto dos filhos com a leitura desde a tenra idade. “O enraizamento dos hábitos de leitura é um processo longo e que, preferencialmente, se deve iniciar logo na primeira infância.” (Nina, 2008: 120). Já para Christian Poslaniec “o comportamento de leitura só pode instaurar-se se a leitura fizer parte do sistema de valores do grupo familiar ou do grupo de referência com o qual desejamos identificar-nos.” (2006: 19).

O que nos leva a acreditar que o envolvimento dos pais neste processo, no sentido de levar os filhos a terem um contacto permanente desde muito cedo com os livros através da leitura de histórias, e ajudá-los a interagir com o texto para construir significado, determina o sucesso no processo de aprendizagem da leitura e na criação de hábitos de leitura que perdurem e cresçam no tempo, levando a criança, a ter um encontro mais profundo com a leitura o que lhe permitirá descobrir que:

O livro não é apenas uma ocasião de lazer, de distração, mas também, de um modo muito mais comprometido, uma ocasião de diálogo consigo mesmo, de construção da personalidade, de resolução de problemas; que ele dá a possibilidade de avaliar o mundo e o nosso lugar no universo, de se construir uma ética para si próprio, de sonhar com outros planetas, de se sonhar com universos fictícios. (Poslaniec, 2006: 23)

Como já foi dito neste trabalho a leitura é vista como imprescindível no desenvolvimento de múltiplas competências, o que nos permite pensar que causar interesses nos alunos para a leitura é apetrechá-los de ferramentas que lhes permitam ter capacidade para compreender, pensar e agir no mundo, e ser cidadãos esclarecidos na sociedade, tal como afirma Cândido Oliveira Martins:

“Através do livro, todos aprendemos a ler e a contar, a escrever e a pensar; através do livro, aprendemos a conhecer os grandes pensadores e os escritores clássicos; através do livro, aprendemos a conhecer os grandes textos sagrados; através do livro, aprendemos as lições da história e os avanços da ciência; através do livro, aprendemos os grandes valores que regem as sociedades modernas; através do livro, aprendemos a sonhar outros mundos e pensar utopias; através do livro, aprendemos a rir e a chorar, a rezar ou a amar; através do livro aprendemos a descobrir o que nos cerca e a descobrimo-nos a nós próprios.” (Martins, 2008: s/p)

Diante do exposto, podemos afirmar que a leitura torna as pessoas mais completas, criativos e ativos. Formando-as no sentido amplo, como seres humanos num mundo cada vez mais global, tornando-as capazes de pensar pela própria cabeça e de estarem conscientes do papel que têm na sociedade.

Acreditamos que a utilização de estratégias específicas de leitura é de extrema importância tanto para formar leitores com competência para interagir com o texto de forma a construir sentido, uma vez que estas estratégias de leitura são instrumentos utilizados pelo leitor na interação com o texto no sentido de compreendê-lo e deleitar com a leitura.

No nosso trabalho “O Mar na obra de Jorge Barbosa: propostas de leitura a partir de uma abordagem comparatista”, pensamos que o estudo comparativo do elemento “mar” nos três livros do autor Jorge Barbosa permite-nos ter uma compreensão do sentido global das obras do referido autor tal como ficou demonstrado na análise destas obras. Esta análise leva-nos a ter não só uma compreensão destas obras como também permite-nos conhecer a idiossincrasia do autor e da sociedade cabo-verdiana, uma vez que é um autor comprometido com a sua realidade social, que procura retratar nos textos a vivência do seu povo. A literatura comparada permite fazer uma análise do contexto histórico social e cultural que serviu de inspiração para a criação literária do autor.

A comparação faz parte da essência do homem, tudo o que se faz tem como referência o que já foi produzido, tal como afirma Tânia Franco Carvalhal:

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso. (Carvalhal, 2006: 7)

Os estudos comparativos podem ser utilizados no ensino secundário como forma de levar os alunos a ler melhor e ganhar o gosto pela leitura literária. Esta atividade permite aos alunos confrontarem temas recorrentes em diferentes textos literários, e outras linguagens artísticas, como a música, a pintura, para a construção de sentido. Acreditamos que as práticas comparatistas podem conferir à leitura um grande dinamismo, uma vez que esta já não se resume a um único texto, podendo ser alargada através da reflexão e

investigação das relações existentes entre diversas obras, entre diversas disciplinas, para a construção de um sentido mais abrangente e profundo.

Tendo em conta o programa de Língua Portuguesa para o ensino secundário cabo-verdiano, e a partir do que foi analisado proporemos algumas estratégias de leitura comparada que podem ser aplicadas desde o 9º ano até ao 12º ano, permitindo assim melhor compreensão dos textos estudados. Como está explícito no programa de língua portuguesa “caberá ao professor organizar o ensino-aprendizagem de modo a atingir os objetivos propostos”. Assim:

No 9º ano de escolaridade faz-se o estudo da coletânea de contos *Contra Mar e Vento* do autor Teixeira de Sousa, que retrata o quotidiano do homem cabo-verdiano, a sua luta para a sobrevivência num ambiente insular com longos períodos de seca, o que obriga a sair para outras paragens com melhores condições. São temáticas também recorrentes na obra poética de Jorge Barbosa, o que permite uma análise transversal da coletânea de contos com alguns poemas por forma a compreender melhor os textos. Como é sabido a confrontação de várias obras permite ao aluno alargar os seus horizontes literários.

Para o 10º ano de escolaridade, partindo do princípio que os contos apresentam uma mesma estrutura, o que muda são as personagens, o que não muda são as suas ações e funções, logo pode-se fazer uma confrontação de contos de autores diferentes, até mesmo de literaturas diferentes, seguindo assim a mesma lógica de alargar os horizontes literários dos alunos. Por exemplo, propor a confrontação do Conto *A Caderneta* de Baltazar Lopes com contos da Coletânea *Mornas eram as Noites* de Dina Salústio que retratam a mesma temática.

O 11º ano de escolaridade, em que o programa de língua portuguesa foi organizado em função do percurso da literatura cabo-verdiana, permite fazer uma confrontação não só de obras pertencentes a autores de um mesmo país, como também confrontar a literatura de diferentes países de língua portuguesa.

Como os escritores da *Claridade* foram fortemente influenciados pelo modernismo brasileiro, “as literaturas africanas de expressão portuguesa colhem frutuosos ensinamentos da literatura brasileira emancipada já, desde os séculos XVIII – XIX.” (Trigo, 1986: 28), tal justifica analisar comparativamente alguns temas nestas duas literaturas. Segundo o autor acima citado “o comparatismo é o meio mais eficaz para nos conhecermos melhor e para sabermos o quanto devemos uns aos outros.” (*Idem*: 28). Seria muito importante em

termos de estudo literários fazer um estudo comparativo entre as obras *Menino de Engenho* de José Lins do Rego que narra a vida da criança Carlinhos, e a obra *Chiquinho* de Baltasar Lopes que narra a vida de Chiquinho, ou também obras como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, e *Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes.

Para o 12º ano de escolaridade, no estudo da literatura portuguesa desde a época medieval até ao Realismo poderá ser feito um estudo comparado dos poemas da literatura portuguesa com *Mornas* cabo-verdianas que possuem a mesma temática. Fazer um estudo comparativo entre os textos literários que não fazem parte da realidade social dos alunos e as músicas que os alunos estão habituados a ouvir, que retratam a realidade social cabo-verdiana, como o caso da *Morna*, em que os trovadores cabo-verdianos transpõem a dor coletiva para o sofrimento individual, poderá constituir uma estratégia importante para a compreensão e motivação dos alunos para a leitura. Como, por exemplo, o estudo comparado da morna *Camponesa Formosa* cantada pelo nosso eterno Ildo Lobo com o poema do arcadismo *Olha, Marília, as flautas dos pastores* da autoria de Bocage. Ou também a morna *Perdão Emília* que apresenta características da estética romântica com o poema *Insonia* da autoria de Bocage. São apenas alguns exemplos de textos que podem ser aproveitados nos estudos literários

Acreditamos que estas estratégias de leitura comparativa permitirão aos alunos aprofundar os seus conhecimentos literários e ganhar o gosto pela leitura, aguçar a vontade de trilhar novos caminhos nos estudos literários, saber mais relacionando, tornando-se assim leitores autônomos e competentes.

7. Algumas conclusões

No término do estudo comparativo que fizemos da temática “mar” nas obras *Arquipélago*, *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu* resta-nos apontar os principais aspetos tratados ao longo da nossa pesquisa.

O mar ao longo dos tempos foi perspectivado na literatura universal com imagens contraditórias: a vida e morte; prisão e liberdade etc. Aqueles que conseguem cruzar o mar e alcançar outras terras são glorificados com uma vida de sonho. Mas estando na terra longe sentem a necessidade do aconchego do “ninho”, o que provoca a saudade e o desejo de regressar. O sentimento de saudade está presente na vida do emigrante, e só termina com o regresso a terra natal. O mar é tido para muitos como sinónimo de medo e perigo, porque nesta luta titânica de cruzar o mar e fugir do isolamento imposto pelo mar experimentam a sua fúria e acabam por perder a própria vida. Toda esta dinâmica à volta do mar deu origem a várias narrativas ao longo da história da humanidade, continuando a servir de inspiração de novas histórias.

De maneira geral podemos dizer que o mar alimenta o imaginário dos escritores cabo-verdianos. No nosso trabalho ficou demonstrado que o mar é visto de forma diferente nos textos desses escritores conforme a época e o período histórico do país. A título de exemplo, a forma como os escritores da *Claridade* viam o mar e a insularidade é bem diferente da visão contemporânea do escritor Germano Almeida. Hoje a insularidade não tem o mesmo significado que tinha outrora, e nem o mar já impõe limites, com as facilidades de ligação já podemos falar numa sociedade global.

Num ambiente de isolamento, de abandono e de condições climáticas desfavoráveis, com longos períodos de seca e estiagens, muitos elementos adquiriram importância literária na obra de Jorge Barbosa. Como foi demonstrado, o seu universo poético tem uma ligação forte com o ambiente insular, foi um poeta comprometido com a sua realidade social, procurou denunciar nas suas obras a situação política, económica e social em que se encontrava o arquipélago e que se agravava com os longos períodos de seca.

O estudo desta temática mostrou-nos que na obra poética de Jorge Barbosa o mar, que muitas vezes é personificado, ganhou significados ambivalentes, ele foi perspetivado de forma negativa, tido como sinónimo de perigo e responsável pelo aprisionamento do homem das ilhas, mas também foi visto como o elo das ilhas ao mundo e neste caso aparece como sinónimo de liberdade.

O mar faz parte da paisagem quotidiana de Cabo Verde, é ele que define a insularidade, mas também acaba por moldar a idiossincrasia do homem das ilhas, logo o estudo comparativo da temática mar nas obras poéticas de Jorge Barbosa permite-nos conhecer a forma como esse elemento influenciou o processo mental e vivencial do referido autor.

A confrontação da temática mar nas obras de Jorge Barbosa possibilita uma compreensão mais ampla da produção literária do referido autor. Como foi dito no nosso trabalho a literatura comparada leva-nos a “compreender, através da confrontação complexa e em construções conscientes, o que há de particular em cada obra” (Kaiser, 1980: 32), portanto o comparatismo nos estudos literários torna-se necessário, uma vez que constitui uma ferramenta imprescindível na pesquisa, reflexão e compreensão dos textos literários. Pegar em temas transversais a várias literaturas que possam ser fundamentais na vida das pessoas poderá ser fecundo, não só proporcionará conhecimento como também cria a curiosidade de ir sempre mais além na procura de novos conhecimentos através de práticas comparatistas.

Não se pode ler se não comparativamente, como afirma George Steiner “ler é comparar. Desde o seu início os estudos literários e as artes de interpretação têm sido comparativos.” (Steiner, 1996: 132). Na literatura comparada os textos acolhem outros, o que nos remete para o conceito de intertextualidade, o que faz com que o comparatista seja alguém aberto ao outro aceitando as especificidades e as diferenças e estabelecer relações fecundas.

A partir do percurso trilhado ao longo do nosso trabalho estamos convictos que a análise da temática mar nas obras de Jorge Barbosa poderá despertar o gosto pela leitura e a vontade de ir mais além, uma vez que “o ensino da literatura tem que passar cada vez mais por práticas comparatistas” (Coelho, 2011:292). É que a literatura comparada possibilita uma compreensão mais ampla da produção literária, logo permite ao leitor descobrir nos textos o que aproxima da sua vida quotidiana e que o identifica, como é

sabido e foi desenvolvido no trabalho a literatura é um arquivo de memória coletiva, permite ao leitor conhecer a sua história e sua cultura ficando assim mais preparado para vida. O que prova que “a literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio- alguns dirão até mesmo o único- de preservar e transmitir a experiências dos outros” (Compagnon, 2009: 47).

Ao terminarmos a nossa pesquisa podemos concluir que no Ensino Secundário em Cabo Verde, mais propriamente no terceiro ciclo, o ensino da literatura cabo-verdiana poderia ser feito com recurso aos estudos comparados tendo em conta a importância desses estudos para uma compreensão ampla da produção literária e de preparação dos alunos para a vida. Estudar temas universais que sejam transversais a várias literaturas permitirão o contacto com vivências e experiências humanas diferentes mas comuns, proporcionando, ao relacionar, um maior conhecimento das várias realidades. A partir do exposto acreditamos que os frutos seriam completamente diferentes se o estudo da literatura cabo-verdiana fosse feito com base em práticas comparativas, confrontando, por exemplo, as obras dos escritores do período da *Claridade* com as obras do modernismo brasileiro que retratam o mesmo tema. O mesmo poderia ser feito entre as obras dos escritores da *Certeza* e as obras do neorrealismo português.

Bibliografia

1. Ativa

BARBOSA, Jorge (2017). *Ambiente*, Poemas, Praia: Pedro Cardoso Livraria.

BARBOSA, Jorge (2017). *Arquipélago*, Praia: Pedro Cardoso Livraria.

BARBOSA, Jorge (2017). *Caderno de um Ilhéu*: Pedro Cardoso Livraria.

2. Passiva

ALMEIDA, Germano (2004). *O Mar na Lajinha*. Lisboa: Caminho.

ANDRADE, Mário de (1977). *Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*. Sá da Costa Editora, Lisboa.

AGUIAR e Silva, Victor (1993). *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Coimbra: Livraria Almedina.

BARROS, Victor (2009). *Campos de concentração em Cabo Verde*, Imprensa da Universidade de Coimbra.

BETTENCOURT, Fátima & SILVA, Ausenda (org.) (2010). *Clareza a Palavra dos Outros*, Instituto Biblioteca Nacional, Praia.

BOURDIEU, Pierre (1989). *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel.

BRUNEL, Pierre & CHEVREL, Yves (org.). (2004) *Compêndio de Literatura Comparada*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

BUESCU, Helena (2001). “*Comparação e Literatura*”, in *Grande Angular. Comparatismo e Práticas da Comparação*. Lisboa: FCG/FCT.

CABRAL, Mónica M. Serpa (2010). *O Conto Literário de Temática Açoriana: A Ilha, o Mar e a Emigração*. Tese de doutoramento apresentado à Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3963/1/TeseDoutoramento.pdf> [17/10/2018].

CARVALHAL, Tânia Franco (2006). *Literatura comparada*, São Paulo, Ática. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1971808/mod_resource/content/1/TaniaFrancoCarvalho.pdf [22/05/2018].

CEIA, Carlos. (s/d.) *O poder da leitura literária (contra as formas de impoder)*. http://195.23.38.178/casdaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_leitliter_a.pdf[27/02/2017]

- COELHO, Paula M. (2011). *Ensinar Poesia no Século XXI: a (im)possível resposta a um desejo infinito do comparativismo à "hospitalidade" de Maria Gabriela Llansol*. In J. A. Da Silva, J. C. de O. Martins, M. Gonçalves, *Pensar a Literatura no Séc. XXI* (pp. 287-297). Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- COMPAGNON, Antoine (s.d). *Para que serve a literatura?*
[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/3098/mod_resource/content/1/CompagnonAntoine.Literatura para que pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/3098/mod_resource/content/1/CompagnonAntoine.Literatura%20para%20que.pdf) [22/05/2018].
- FERREIRA, Manuel (1973). *A Aventura Crioula*, Lisboa: Plátano Editora.
- FERREIRA, Manuel (1975). *No Reino de Caliban*. Lisboa, Seara Nova.
- GONÇALVES, António Aurélio (1998). *Ensaio e Outros Escritos*. Organização e apresentação de Arnaldo França. Centro Cultural Português Praia – Mindelo.
- GOMES, Simone Caputo (1993). *Uma Recuperação de Raiz: Cabo Verde na Obra de Daniel Filipe*, ICL, Praia.
- HANRAS, Marie-Christine (1995). *Manuel Lopes Um Itinerário Iniciático*, ICL, Praia.
- KAISER, Gerhard (1980). *Introdução a Literatura Comparada*, Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- LIMA, Isabel Pires (2011). “*Ensinar (a gostar de literatura)*”, in *Diário de Notícias*, "Opinião".
- LIMA, Mesquitela (1983). *A Antropologia do Simbólico*, Lisboa: Presença.
- LOPES, Manuel (1998). *Galo Cantou na Baía e outros contos*. Lisboa: Caminho.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri (2001). *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2ed. rev. aum. Lisboa: Presença.
- MANGUEL, A. (1998). *Uma História de Lectura*. Editorial Presença.
<http://lelivros.love/book/baixar-livro-uma-historia-da-leitura-alberto-manguel-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> [23/05/2018].
- MARIANO, Gabriel (1964). *Uma Introdução à Poesia de Jorge Barbosa*. Praia: Minerva.
- MARTINS, Cândido O. (s/d). *Elogio do Livro e da Leitura*
<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/candid14.pdf> [16/11/2018].
- MARTINS, M. & SÁ, Cristina (s/d). *Ser leitor no Século XXI – Importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e activa*.
http://magnetesrvk.noip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_serleitorsecXXI_a.pdf. [27/02/2017].

- MATOS, Maria Vitalina Leal de (2001). *Introdução aos Estudos Literários*, Lisboa: São Paulo, Editorial Verbo.
- MONTEIRO, Fernando (1997). *Jorge Barbosa O Pioneiro da Moderna Poesia de Cabo-Verde*, In “Fragmentos” N° 11/15.
- NINA, Isabel F. Andrade (2008). *Da Leitura ao Prazer de Ler, Contributos da Biblioteca Escolar* (Dissertação de Mestrado apresentado na Universidade Aberta) <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1223/1/Dissertacao.pdf> [31/01/2019].
- PIRES, Donizeti Antônio (2007). *Lugares-comuns da Lírica, Ontem e Hoje. Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, vols. 10-11.
- POSLANIEC, Christian (2006). *Incentivar o Prazer de Ler, Atividades de leitura para jovens*. ASA, Porto.
- PROLE, António (s/d). *Como fazer um Projeto de Promoção da Leitura*. http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf. [2/06/2017].
- PROPP, Vladimir. (1983) *Morfologia do Conto*, 2ª ed. Lisboa: Vega.
- REIS, Carlos (1995). *O conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*, Coimbra: Livraria Almedina.
- REIS, Carlos e Cristina Lopes (1987). *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina.
- SANTOS, Elsa Rodrigues (1989). *As Mascaras Poéticas de Jorge Barbosa e a Mundividência Cabo-verdiana*, Lisboa, Caminho.
- SARDINHA, M.G. d’Almeida (s/d.) *Literacia Em Leitura – Identidade E Construção Da Cidadania*, Departamento de Letras, Unidade de Artes e Letras Universidade da Beira Interior.
- SARDINHA, M. G. (2005) *As Estruturas Linguísticas, Cognitivas e Culturais e a Compreensão Leitora*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade da Beira Interior, Covilhã. https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2117/1/Tese3_final1.pdf [31/01/2019]
- SEMEDO, Manuel Brito (1995). *Caboverdianamente Ensaando*. Volume I, Ilhéu Editora, Cabo Verde.
- SILVEIRA, Onésimo (1963). *consciencialização na literatura cabo-verdiana*, Lisboa, Edição da Casa dos Estudantes do Império.
- STEINER, George (2003). *Paixão Intacta*, Lisboa, Relógio d’Água Editora.

TRIGO, Salvato (1986). *Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Braileira*, Vega Universidade, Lisboa.

TZVETAN, Todorov (2009). *Literatura em Perigo*; Tradução Caio Meira, Rio Janeiro, DIFEL.<https://moisesnascimentoblog.files.wordpress.com/2016/08/a-literatura-em-perigo.pdf> [23/05/2018].

VEIGA, Manuel (cord) (1998). *Cabo Verde Insularidade e Literatura*, Edições Karthala, Paris.

VEIGA, Manuel (cord) (2010). *Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura Caboverdianas- Atas*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

3.Revistas

Cultura, Publicação Semestral, Julho 92 nº 2, Praia Cabo Verde.